

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA POLÍTICA

JOÃO NICODEMOS MARTINS MANFIO

ACADEMIA DOS CORPOS:
corpo e sociabilidade em contexto de individualização

Florianópolis
2007

JOÃO NICODEMOS MARTINS MANFIO

ACADEMIAS DOS CORPOS:
corpo e sociabilidade em contexto de individualização

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre, na Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Orientadora: Prof^a. Dra. Elizabeth Farias da Silva

Florianópolis
2007

Para Adriana, com amor!

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Antônio e Ruth, meus companheiros, amigos, e conselheiros, de quem posso esperar mais que auxílio, amor. Também aos meus amados, Noelise e Evandro, que mesmo de longe, apóiam e se fazem sentir.

À minha *nona* Celestina que, com sua fé, faz com que as coisas aconteçam.

À minha noiva, Adriana, fonte da minha inspiração, sempre paciente e motivadora de meus sonhos. Seu acreditar faz o meu fazer mais forte e persistente.

À Doth, pequenina companheira fiel, que em suas manifestações incondicionais sempre alegres, possibilita renovar ânimos até nos momentos mais difíceis.

Ao Sérgio, amigo de verdade, que tanto contribuiu para esse trabalho e também à Kika e Cairo, pela compreensão, estímulo e alegria que transmitem.

À professora Elizabeth que permitiu, com sua orientação, dar continuidade ao desejo de concluir o mestrado. Suas atentas leituras, indicações de obras e esclarecedores comentários foram fundamentais.

Ao amigo Claudino Ortigara pela contagiante vibração no momento de minha entrada no curso.

À academia que permitiu a realização das entrevistas e aos entrevistados.

À CAPES pelo oportuno e significativo apoio financeiro.

RESUMO

Este trabalho discorre sobre o corpo como fenômeno social em contexto de individualização e é referenciado nos conceitos de corpo (LE BRETON, 2006), sociabilidade e sociação (SIMMEL, 2006) e individualização (BAUMAN, 2001). O corpo constitui-se como uma condição para se participar de relações sociais e como forma de integração de indivíduos em grupos sociais. Passa a ser o limite entre o aceitável e o desaconselhável, algumas vezes determina ou institui papéis sociais e sugere formas de atração entre indivíduos e intensidade e conteúdos de interação. O corpo é a forma muitas vezes inevitável de se conquistar reconhecimento por sua apresentação estética. Por meio de avaliação do corpo se potencializam ou se geram obstáculos para ir a determinados lugares ou como participar de certos grupos sociais. A pesquisa foi realizada em academia da cidade de Balneário Camboriú/SC e seu argumento central destaca-se pela construção social do corpo para fins de relações sociais como um construto social. Constatou-se que papéis sociais, reconhecimento, formação do mundo social como campo de lutas e de atração são orientadores de como o corpo deve ser apresentado.

Palavras chave: individualização, corpo, sociabilidade, sociação.

ABSTRACT

This work discourses on the body as social phenomenon in individualization context and is referred in the concepts of body (LE BRETON, 2006), sociability and sociation (SIMMEL, 2006) and individualization (BAUMAN, 2001). The body politic constitutes itself as a condition to participate in social relations and as form of integration of people in social groups. It starts to be the limit between the acceptable and the inadvisable, some times determines or institutes social positions and suggests forms of attraction between people and intensity and contents of interaction. The body is the form many times inevitable of conquering recognition for its aesthetic presentation. By means of evaluation of the body they get power or generate obstacles to go certain places or how to participate of certain social groups. The research was carried out in an academy of the city of Balneário Camboriú/SC and its main argument is distinguished for the social construction of the body for aim to do social relations as one social construct. Was evidenced that social positions, recognition, formation of the social world as field of fights and attraction are orienting of how the body must be presented.

Key Words: individualization, body, sociability, sociation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
I INDIVIDUALIZAÇÃO, CORPO E SOCIEDADE: CAMPO DE LUTAS E DE FORÇAS	14
1.1 ESCOLHAS, RISCOS E INCERTEZAS.....	27
II CORPO COMO FENÔMENO SOCIAL.....	33
2.1 O CORPO A PARTIR DAS IDÉIAS DE LE BRETON	33
2.2 A SOCIABILIDADE A PARTIR DAS IDÉIAS DE GEORG SIMMEL	42
III ANÁLISE DE DADOS	49
3.1 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS.....	49
3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	58
3.3.1 Sociabilidade: regras sociais sobre corpo/do corpo/no corpo.....	58
3.4 INDIVIDUALIZAÇÃO: CONQUISTAS E PROBLEMAS INDIVIDUAIS.....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS.....	77
BIBLIOGRAFIA AUXILIAR.....	79
REFERÊNCIAS INTERNET.....	81

INTRODUÇÃO

O corpo é um fenômeno social intrigante e surge para nós com vários conteúdos. Impressiona o que somos capazes de fazer através do corpo para ingressarmos e mantermos relações sociais. Quais os significados sociais do corpo? Esta questão é o que inspira este trabalho. Com esta orientação, este trabalho insere-se no âmbito da sociologia do corpo e versa sobre a noção de corpo encontrada em praticantes de academia na cidade de Balneário Camboriú. Baseamos o estudo sobre o processo de individualização nas obras de Zygmunt Bauman (2001), Norbert Elias (1994) e Anthony Giddens (2002). Firmamos o conceito de corpo na compreensão de David Le Breton (2006) e o de sociabilidade, sociação e socialização na obra de Georg Simmel (2006), e encontramos em Pierre Bourdieu (2001) elementos teóricos metodológicos de integração, numa perspectiva de alinhar as múltiplas abordagens. Fizemos, também, pesquisa de campo que nos possibilitou o encontro com rica realidade sociológica e descoberta de elementos empíricos de interesse para construir o presente trabalho.

Pretendemos com a presente pesquisa contribuir para a compreensão do corpo como fenômeno social e instigar o interesse para pensar o corpo e as relações sociais (sociabilidade e sociação) em contexto de individualização.

A relação social mediada e consubstanciada pelo corpo é o **objetivo** central desta pesquisa: explorar o conceito de corpo e sua compreensão. A idéia de corpo vem comumente acompanhada de uma série de idéias ligadas à saúde, à estética, à imagem e à beleza; por isso, uma grande quantidade de possibilidades de entendimento acaba por se perder quando se tenta compreender o corpo sem sua idéia fundamental que remete à construção social. É papel dessa pesquisa, portanto, dar subsídios aos seus leitores para complexa tarefa de tentar compreender o corpo na sociedade atual como fenômeno que constitui e é constituído na e pela sociedade.

O fato da sociologia do corpo ser relativamente nova para as ciências sociais motiva pesquisadores a se debruçarem sobre ela. Partindo de uma análise do senso comum, o corpo recebe inúmeras denotações e uma série de argumentações que não contribuem muito para se pensar numa relação mais profunda (de dependência certas vezes) entre o indivíduo e a sociedade, a sociedade e o indivíduo. Mas, ao mesmo tempo, são credenciais fundamentais para a possibilidade de existência dessas relações (corpo-sociedade). Pensar o corpo parece

tão óbvio e simples, mas, captar as entranhas variadas que o conceito proporciona não é tarefa tão simples assim.

O que está em jogo é a tentativa de superar a idéia comum de corpo associada ao indivíduo (individualmente), e repensar à maneira de análise do corpo como “objeto isolado” na tentativa de requalificá-lo e aproximá-lo das questões sociais (se é que um dia esteve distante delas). Na verdade, essa distância que não é captada e perceptível racionalmente (em dimensão científica e filosófica) no dia-a-dia pela maioria das pessoas, existiu, poderá continuar a existir e decorrem dessa relação problemas e fenômenos sociais variados. Por detrás do “indivíduo objeto” (corpo) existe uma bagagem histórico-social. A cultura, os hábitos e o convívio social são elementos constitutivos para formação do corpo transformado não mais como *objeto*, mas sociável. O longo processo de desenvolvimento físico, psíquico e social, pelos quais todos os seres humanos passam, deixa marcas profundas no sujeito. Essas marcas vão se manifestar através do corpo que se comunica de diversas formas: olhando, ouvindo, sentindo, cheirando ou falando, o indivíduo está (e é) inserido em contextos sociais diversos. Mas, esta é a maneira convencional segundo a qual podemos classificar o corpo, da qual decorrem, por exemplo, a legitimação de oftalmologistas, otorrinolaringologistas, fisioterapeutas e psicólogos, fonoaudiólogos entre outros. Por outro lado, além da observação convencional, o corpo é constituído e constitui as relações sociais, ou seja, orienta essas relações e credencia como o corpo deve ser apresentado nessas relações. As conseqüências dessa inserção (que se desenha às vezes como exclusão) são fundamentais para pensar a sociedade. No corpo *incorporamos* as sociabilidades e praticamos as sociações. In-corporar designa assumir pelo e no corpo as possibilidades de atuação na sociedade; o corpo se veste, é vestido, apresenta valores sociais, distinções, reconhecimentos, conhecimentos. As imagens, em voga, de cientista de jaleco branco (pureza de vestais) e as manifestações gestuais esperadas, revestem a identidade social de membros da sociedade.

Originalmente, academia se refere à escola criada por Platão 387 a.C. em homenagem ao herói *Academos*. Na academia se realizava o culto ao saber ou à *sofia*, portanto local próprio às atividades filosóficas. Atualmente, o significado de academia se expandiu para várias áreas de aprendizado ou de cultivo ao aprendizado expressos em sociedades e instituições de caráter cultural, científicas, filosóficas, literárias, bem como diz respeito ao local onde se ministra o ensino de práticas desportivas (como é o caso de nossa pesquisa), lúdicas ou ainda técnicas de atividades de manufatura (corte e costura, artesanato,

prendas, entre outros).¹

Apoiamos a pesquisa na seguinte **hipótese**: as academias orientam e oportunizam a constituição de possibilidades de relações a partir da idéia socialmente construída de corpo, ou seja, respondem pelo *locus* de técnicas orientadas à formação do corpo no sentido de se aprimorar o conjunto de possibilidades corpóreas: academia dos corpos. Academias referenciam-se e são referenciadas nos corpos, do mesmo modo que os corpos referenciam-se e são referenciados nas academias. Todavia, academia e corpo situam-se no campo das relações sociais e de conquistas para essas relações sociais. Assim, o conjunto de regras que capacitam para as relações sociais - sociabilidade - e as relações sociais em ato mediadas em parte pelo caráter social do corpo - sociação pelo corpo - trazem consigo, no âmbito deste estudo, as alegorias e caracterizações decorrentes de como os corpos se instituem socialmente por meio de academias.

A sociabilidade como forma de interação social está num plano superior das relações práticas no sentido em que estão baseadas em compreensões que de certa forma regulam a sociedade. A pesquisa procura mostrar que são os saberes que referenciam os fazeres sobre o corpo. Por outro lado, a sociação posterior à sociabilidade se define por fatores que vão desde a necessidade até o bloqueio de possibilidades de relações sociais. Le Breton (2006) e sua reflexão sobre o corpo, Simmel (2006) e sua compreensão de sociabilidade e sociação, e Bourdieu (2001) que trata da relação corpo e interação social dos indivíduos, fundamentam nossa compreensão das relações entre os conceitos de sociabilidade e sociação em contexto de individualização.

As relações sociais baseadas em determinadas compreensões sobre o corpo, têm causado uma série de problemas, distinções e promoções aos indivíduos que vão desde os psíquicos, passando pelos de ordem estritamente social, até físicos. O preconceito, a disputa e as relações de exclusão estão ligados, em alguma instância, à noção de corpo das pessoas e em contexto de individualização isso é intrigante. Aprofundar essa temática vai mostrar que a configuração de relações sociais pode parecer insensível para questões que analisadas de forma separada (isolada) se demonstram fundamentais no seio dos grupos sociais. Essa constatação, após análise de conceitos e teorias sociais, torna-se cara aos indivíduos trazendo-lhes retratos nem sempre agradáveis de constatar ou simples de entender.

¹ Verbetes *academia* Cf. Dicionário de Filosofia (ABBAGNANO, 1970); Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa (FERREIRA, 1993); Enciclopédia e dicionário ilustrado (KOOGAN e HOUAISS, 1994). A partir daqui, sempre que nos referirmos à academia, estaremos a assumir o sentido de *locus* de práticas desportivas.

A relevância social desse trabalho se justifica por tentar possibilitar interpretação do retrato confuso e incerto que o corpo recebe nos dias de hoje mostrando que uma análise estruturada pode gerar respostas importantes para se entender os problemas sociais decorrentes disso.

Para elaborar a pesquisa de campo, realizamos entrevistas com roteiros pré-determinados visando obter dados da realidade ocorrente na academia sobre as seguintes variáveis:

- a) motivos de práticas de exercícios físicos na academia;
- b) discursividade sobre saúde;
- c) corpo e relações sociais;
- d) corpo e sociabilidade;
- e) corpo e sociação.

Realizamos as entrevistas em determinada academia - a maior da região em infraestrutura e número² de freqüentadores³ -, na cidade de Balneário Camboriú, SC. A opção para efetivar as entrevistas nesta academia decorre do fato de que ali, por se concentrar maior quantidade de freqüentadores, poderíamos encontrar também maior diversidade de respostas.

O fato de seu projeto arquitetônico ter sido desenhado especificamente com intuito de abrigar uma academia de ginástica, diferente de boa parte das academias da cidade, parece ser fator relevante para acúmulo de capital social por parte de seus alunos. Diz respeito ao conjunto das relações sociais nas quais indivíduo ou grupo podem participar. Nesta pesquisa o capital social se produz através do corpo que interage sob condições de ingresso e manutenção de determinadas relações sociais (BONNEWITZ, 2003). Atraídos pelo capital social que a academia proporciona, sua aparelhagem e o *status* adquirido por sua estrutura, seus freqüentadores estão dispostos a pagar mensalidades mais elevadas⁴ que as praticadas em outras academias, pelos benefícios que nela encontram, não só em relação ao corpo *versus* aparelhos de ginástica, mas também ao corpo *versus* relações sociais.⁵

² A academia possui 6.500 metros quadrados de área útil construída e têm aproximadamente 2.050 alunos atualmente (dados obtidos com a gerência).

³ A partir de agora, e ao longo do texto, sempre ocorrer questões de gênero, por opção técnica adotarei sempre o referente masculino, respeitando, no entanto, praxe ocorrente que utiliza os dois gêneros.

⁴ Os preços praticados na academia onde foi realizada a pesquisa são aproximadamente 18% mais elevados do que as demais. Isso considerando o pagamento da mensalidade regular, já que todas as academias da cidade possibilitam a escolha de planos anuais ou semestrais que diminuem os preços significativamente em troca da certeza da permanência do aluno por um período de tempo maior.

⁵ Detalhes de infraestrutura e questões (corpo e relações sociais) serão retomadas no capítulo de análise das entrevistas.

Balneário Camboriú, um dos maiores pólos turísticos do sul do Brasil tem especificidades que são interessantes para observar o comportamento de freqüentadores de academia (no contexto corpo *vs.* relações sociais). Talvez seja a cidade que desfruta, no sul do Brasil, do maior reconhecimento de turistas e investidores conquistado por eficiente *marketing* turístico e privilegiada localização geográfica. Nos períodos de pico (férias de verão) a cidade recebe número de visitantes até oito vezes maior⁶ que o da sua população fixa. Mas Balneário Camboriú deixou de ser apenas pólo de turismo litorâneo.⁷ Rapidamente, vai tornando-se local de turismo receptivo e de moradia de estudantes que freqüentam universidades localizadas na própria cidade e na cidade de Itajaí, distante 10 quilômetros. Essa população universitária imprime dinâmica social diferenciada para a cidade, que se revela nos restaurantes, bares, boates, lojas, *shoppings* e na própria academia. É também procurada crescentemente por aposentados com relativo poder aquisitivo que demandam imóveis de alto valor.⁸

Considerando as características da praia e do clima subtropical predominante na região, Balneário Camboriú, propicia a seus freqüentadores a desfrutarem de condições relacionais de exposição de seus corpos, tornando-se local privilegiado para se pensar o corpo e as relações sociais em contexto de individualização⁹.

Estruturalmente esta dissertação está distribuída em quatro partes. O corpo e a sociedade são pensados em contexto de individualização e essa relação, como será mostrado no primeiro capítulo, é de fundamental importância para compreensão de uma série de fenômenos ocorrentes nos dias de hoje, ao menos no que diz respeito ao contexto da cidade de Balneário Camboriú. A necessidade de se fazer escolhas acompanhada pelos riscos e as

⁶ Segundo dados da Secretaria Municipal de Turismo de Balneário Camboriú (obtidos no mês de junho de 2007), no período da temporada do ano de 2005/2006 a população da cidade passou de 97.954 para 850.850, trazendo uma receita de cerca de quase setecentos milhões de reais para o local.

⁷ Consideramos turistas aqueles que, durante o período de verão coincidente com férias, usufruem dos recursos naturais e construídos e serviços disponíveis nas cidades, que permanecem nas cidades 24h ou mais (cf. WAHAB, 1977 *apud* JANUÁRIO, 1997). Distinguem-se de veranistas, na medida em que estes possuem casas de veraneio, portanto, residências de moradia não permanente. Por sua vez, há os moradores que se classificam em dois subgrupos: os nativos, nascidos na cidade e territorializados, e os moradores não nativos, que correspondem aqueles que moram na cidade mas que apresentam trajetórias geracionais oriundas de outras cidades (Cf. JANUÁRIO, 1997).

⁸ Como ilustração, numa conversa com consultor imobiliário (no mês de julho de 2007), que atua na cidade de Balneário Camboriú, constatou-se que o preço do metro quadrado dos apartamentos de frente para o mar varia de três a cinco mil reais. Na quadra do mar, o preço varia entre R\$ 1.900,00 à R\$ 3.000,00 e duas quadras distantes do mar os preços ficam entre R\$ 1.600,00 à R\$ 2.500,00 (imóveis novos). Ainda, segundo ele, em Santa Catarina somente é possível constatar preços parecidos em Florianópolis e os esses preços são mais elevados dos que praticados em Curitiba e Porto Alegre. Somente no estado de São Paulo e Rio de Janeiro se encontram preços maiores que esses por metro quadrado.

⁹ Meu interesse pela abordagem das relações sociais em contexto de individualização na cidade de Balneário Camboriú surgiu por ocasião da elaboração do Trabalho de Conclusão do curso de Ciências Sociais no ano de 2004, realizado na Universidade do Vale do Itajaí. (MANFIO, 2004).

incertezas que daí decorrem são também peças-chave para analisar as relações sociais e os contextos em que se dão. A questão da individualização marca, portanto, um contexto social segundo o qual as relações dão-se de maneira diferente de outrora (na modernidade sólida – BAUMAN, 2001) e as influências do meio social na vida das pessoas desencadeiam uma série de fatores interessantes e relevantes para análise sociológica. No entanto, não nos cabe pensar esse contexto de forma valorativa, e sim, através de uma série de questões que o texto a seguir suscita.

As relações sociais estão também ligadas diretamente às questões corporais de cada indivíduo, como apresentado no capítulo dois. Explicar o sentido social que se dá ao corpo, no entanto, é extremamente difícil, pois em contexto de individualização os conceitos e as atitudes não estão mais baseados em fenômenos “imóveis” ou crenças em sistemas simples (ELIAS, 1994).

Na apresentação e análise dos dados colhidos na pesquisa de campo, encontrada no capítulo três, a academia surge como espaço de construção do corpo que se mostra instrumento para o convívio social. Através dos conceitos e compreensões partilhados no capítulo um e dois e dos dados da pesquisa de campo fazemos uma análise sociológica do corpo como fenômeno social, especialmente da formação de corpos para relações sociais.

Por fim, nas considerações finais, relacionamos mais amplamente as questões conceituais levantadas nos capítulos anteriores e fazemos uma relação com a análise de dados. O leitor poderá encontrar lá constatações e hipóteses para se entender alguns fenômenos que se encontram escondidos por detrás das questões centrais da pesquisa. Portanto, a construção do trabalho como um todo permite ao leitor o encontro com questões sociais importantes e o incita a crítica na medida em que passa a colocar-se no entrono das questões aqui debatidas. O que desejamos, no entanto, é contribuir para que a partir de constatações individuais (auto-reflexivas) e sociais (de caráter participativo) o leitor encontre subsídios para expandir e exercitar sua reflexividade.

I INDIVIDUALIZAÇÃO, CORPO E SOCIEDADE: CAMPO DE LUTAS E DE FORÇAS

REGIME?! (crônica)

“Tenho dois **grandes problemas** em relação a meu peso: 1. dificuldade de emagrecer e 2. facilidade de engordar. Em algum lugar do meu DNA implantaram um **gene de urso polar** e meu organismo sempre tem a sensação de que eu vou hibernar durante seis meses e, assim, resolve guardar tudo o que como pra sobreviver ao inverno. O problema é que a vida do urso polar é só inverno. Sem contar que eu **devo ter um sério distúrbio** oftalmológico, ligado ao acúmulo de gordura, porque basta eu olhar para uma lasanha que minha bunda aumenta. Claro, ao longo da vida já engordei, emagreci, engordei, emagreci, como qualquer **sanfona histórica**. Nada de tão grave que me impedisse de virar a roleta no metrô com uma pequena ajuda ou que me fizesse entalar na roda-gigante [...]

Para pensar na reflexão sobre a noção de corpo nas academias é importante delimitar a amplitude da abordagem de conceitos e especialmente demarcar o ponto de partida para compreensão de tal fenômeno. Consideramos que a sociedade atual consiste em processos de individualização. Significa que relações sociais nessa sociedade, bem como os meios sociais, são complexos e possuem grande capacidade de transformar as relações e os meios sociais. Nesse contexto desenham-se fenômenos que aparecerão no decorrer da pesquisa e elucidarão a maneira de ser e estar da “era da individualização”.

No caso de nosso grupo de investigação, mais do que pessoas que têm intenção de exercitar o corpo através das academias, encontramos indivíduos que procuram atingir grau de satisfação próprio, no mundo social através do corpo. Praticar academia denota preparação e formação de conteúdos sociais do corpo para as relações sociais. Esta é uma forma de se compreender, através da reflexão sociológica o que acontece nas sociedades e como os indivíduos se inserem nesse conjunto. As chamadas sociedades de risco¹⁰ (GIDDENS, 2002),

¹⁰ Conceito de Beck, assim interpretado por Giddens: “Esta sociedade não obstante, não é apenas uma “sociedade de risco”. É uma sociedade onde os mecanismos da verdade se modificam – de maneiras interessantes e importantes. O que pode ser chamado de confiança ativa torna-se cada vez mais significativo para o grau em que emergem as relações sociais pós-tradicionais” (BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. 1997, p. 221). Para um debate mais incisivo sobre esse tema, v. item “Risco, confiança, reflexividade” de autoria de Giddens nesta mesma obra, p. 219-234.

complexas¹¹, urbanizadas (ELIAS, 1994), líquidas¹² e leves (BAUMAN, 2001), movem o indivíduo, na nossa pesquisa o aluno de academia, a fazer escolhas, ficar em dúvida, ter incertezas, obedecer a regras e tomar atitudes baseadas em seu entorno social. O indivíduo nesse contexto recebe sinais incertos múltiplos mas não necessariamente contraditórios. Ele agrupa em sua trajetória social um conjunto de sinais e conteúdos que surgem das famílias, das escolas, grupos de amigos, igrejas, etc., além das noções originárias de televisão, rádio, internet, jornais, revistas e livros (para o caso da individualização os de auto-ajuda, por exemplo). Nesta trajetória há linearidades e descontinuidades. Esses conjuntos de referências atuam sobre o corpo formando-o socialmente. A partir daí relacionamos corpo e individualização.

Apoiado nos sociólogos Elias (*idem*), Bauman (*idem*) e Giddens (2002), que trabalham a questão da individualização social, tentarei, a seguir, esclarecer a importância do conceito individualização para se pensar corpo e a sociabilidade relacionando-os com categorias de saúde, beleza e estética entre alunos de academia em Balneário Camboriú, SC.

Elias (*idem*) aborda a questão da individualidade entendendo que a proteção e o controle exercidos sobre os indivíduos, por pequenos grupos sociais, vão, pouco a pouco, sendo substituídos por controle provindo de Estados urbanizados, centralizados e complexos. Dessa forma demonstra que, ao passar dos séculos – o que considera fator preponderante no que se refere ao crescimento desse fenômeno – os indivíduos distantes de seus grupos consanguíneos passam a depender mais e mais de si mesmos.

Os alunos da academia como veremos a seguir produzem e formam socialmente seus corpos. Ao recorrer ao corpo, como elemento individual para formação de conteúdo das relações sociais, fazem-no investindo todos os esforços em si mesmos, isto é, radicalizam o processo de individualização. As conquistas, os confrontos com seus corpos, são sempre individualizados e, como disse um entrevistado, “a pessoa é que tem que decidir e o que vale é a persistência individual”.

¹¹ Elias se refere a um modelo social onde “a especialização aumenta e se diversificam as carreiras oferecidas pela sociedade” (ELIAS, 1994, p. 104). Para um debate mais incisivo sobre esse tema, v. item “A individualização no processo social” nesta mesma obra, p. 102-125.

¹² Bauman se refere aqui, a uma sociedade onde a “versão individualizada e privatizada da modernidade, e o peso da trama dos padrões e a responsabilidade pelo fracasso caem principalmente sobre os ombros dos indivíduos. Chegou a vez da liquefação dos padrões de dependência e interação. Eles são agora maleáveis a um ponto que as gerações passadas não experimentaram e nem poderiam imaginar; mas como todos os fluidos, eles não mantêm a forma por muito tempo. Dar-lhes forma é mais fácil que mantê-los nela” (BAUMAN, 2001, p. 14).

Nas sociedades estatais centralizadas e urbanizadas, o indivíduo tem de lutar muito mais por si (ELIAS, 1994), diferentemente do que ocorria em sociedades menores, nas quais desempenhava esse papel de forma conjunta constantemente. Número vasto de opções e escolhas se abre nas sociedades mais urbanizadas e a autonomia torna-se uma questão de sobrevivência. Deve-se destacar, porém, que a autonomia vem, nesse processo, acompanhada dos riscos correspondentes à sua realização. Grande parte das vezes, esses riscos assumidos na relação com a questão da beleza e estética atual, como parte integrante de uma maneira de vestir, falar, portar-se, auto denominar-se. Isto corresponde ao que consideramos a constituição social do corpo como meio de sociabilidade em contexto de individualização. Assumir os riscos, no entanto, não significa saber onde estão nem quais serão, e é esse o maior obstáculo oculto por detrás da aparente sensação de liberdade e auto-suficiência proporcionadas pela era atual, formada por probabilidades de incertezas e surpresas.

Interessa-nos fazer um apanhado da relação dos alunos de academia com o corpo, seja o seu, o de outras pessoas, ou mesmo a noção de corpo fora do contexto das academias. Nas academias busca-se formar socialmente o corpo. Preocupa-nos compreender as formações discursivas que orientam a formação social dos corpos. É o que pensamos sobre as coisas que nos orienta a atuar sobre elas (inclui-se que pensar sobre as coisas já é um ato). É fundamental considerar, seja por meio da autodenominação de corpo ou daquela baseada na interferência que recebe dos meios de comunicação ou mesmo de colegas e instrutores da academia, quais as compreensões de corpo que os membros de nosso grupo de pesquisa mantêm e que tipos de ativação social decorrem dessas compreensões. Afinal acreditar que o corpo é capaz de proporcionar-lhe *status*, ou vantagens e desvantagens, e que através do corpo as relações sociais ficam facilitadas, não é algo estranho de se constatar. Debates, a partir de um conjunto de autores, como o corpo se institui enquanto processo de sociabilidade ou, de outra forma, em contexto de individualização como o corpo se revela como instrumento primário da sociabilidade. No escopo de nosso trabalho abordaremos conceitos e suas vicissitudes práticas no que diz respeito às relações sociais: cuidado com o corpo, relação sujeito social e corpo, beleza, estética, saúde, imagem. Compreender o corpo nas relações sociais consiste em compreender formas segundo as quais estabelecemos, reificamos e tornamos constante um conjunto de práticas sociais. No processo primário de socialização, segundo Bourdieu (2001) surgem as condições para a realização da in-corporação, baseada na idéia de formação em *campo* e *habitus* familiar. Para Bourdieu & Wacquant (1995),

em términos analíticos, um campo puede definirse como una rede o configuración de relaciones objetivas entre posiciones. Estas posiciones se definen objetivamente em su existência y em las determinaciones que imponen a sus ocupantes, ya sean agentes o instituciones, por su situación (situs) actual y potencial em la estructura de la distribución de las diferentes espécies de poder (o de capital) – cuja posesión implica el acceso a las ganancias específicas que están em jurgo dentro del campo – y, de paso, por sus relaciones objetivas com las demás posiciones (dominación, subordinación, homologia, etc.). Em las sociedades altamente diferenciadas [caso considerado a Balneário Camboriú], el cosmos social está constituído por el conjunto de estos microcosmos sociales relativamente autônomos, espacios de relaciones objetivas que forman la base de uma lógica y uma necesidad específicas, que son irreductibles a las que rigen los demás campos. Por ejemplo, los campos artístico, religioso o econômico obedecen a lógicas distintas: el campo econômico surgió historicamente como um universo em el cual, según se dice, ‘los negocios son los negocios, y donde las relaciones de parentesco, amistad y amor están, em principio, excluidas (p. 64).

E, nas palavras de Bonnewitz (2003),

Hábitus é um sistema de disposições duradouras adquirido pelo indivíduo durante o processo de socialização. As disposições são atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer pensar, interiorizadas pelos indivíduos em razão de suas condições objetivas de existência, e que funcionam então como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão. A interiorização constitui um mecanismo essencial da socialização, na medida em que os comportamentos e valores aprendidos são considerados como óbvios, como naturais, como quase instintivos; a interiorização permite agir sem ser obrigado a lembrar-se explicitamente das regras que é preciso observar para agir (p. 77).

As práticas sociais baseadas no *habitus* primário, contextualizadas no processo de individualização, vão originar riscos e incertezas constantes (cf. Januário & Ramos, 2007). Unem-se nesse ponto as idéias de Bauman (2001) e Bourdieu (*idem*) no sentido que as tomadas de decisões, bem como as conseqüências dessas estão nos dias de hoje atreladas aos perigos e riscos, apesar de antes não se ter a idéia de risco racionalizada como atualmente. Mas a idéia de perigo era clara desde o momento que se transgredia o limite firmado pela sociedade e o sagrado, como por exemplo, a sexualização do corpo e os perigos de gravidez indesejada antes de medicamentos contraceptivos.

Isso se dá especialmente por causa das circunstâncias em que os agentes sociais se encontram nos dias de hoje e a vasta gama de opções das relações, seja na busca por reconhecimento ou simplesmente nos processos de dominação. A auto-afirmação passa a ser,

portanto, um processo que supera a solidificação tornando-se líquida (BAUMAN, 2001) e repleta de práticas sociais desregulamentadas. Se há dificuldades em se encontrar instituições sociais como moldes para os modelos de identidades “a individualização torna-se uma fatalidade, não uma escolha” (BAUMAN, *idem*, p. 43). Instituições que garantiam a durabilidade de empregos e possibilitavam um suporte aos indivíduos (clube de funcionários, planos de carreira, assistência médico-hospitalar, etc.), na era líquida, tornam-se menos frequentes e transformam a vida das pessoas. Se os papéis sociais em contexto de individualização se tornam volúveis ou sempre incompletos então o corpo biológico como que se desfaz. Neste contexto, o corpo abriga os perigos, incertezas e riscos que caracterizam as relações sociais contemporâneas.

A autonomia no processo de individualização parece ser o anseio principal do sujeito, embora esteja atrelada a vários outros fatores determinantes no decorrer desse, também por ele, tão desejado *status*. A abertura rumo a possibilidade de autonomia para as atitudes do cotidiano e para as relações com as outras pessoas, ultrapassa os desejos íntimos de cada um e defronta-se com conseqüências sociais inimagináveis, na maioria das vezes, não só para os alunos de academias, mas também para os membros de uma sociedade de modo geral. Dessa forma, a individualização nas sociedades atuais, processo complexo e inacabado, não tem possibilidade de determinar rumos com certezas nem, tão pouco, permite a realização de todas as vontades dos indivíduos. A rápida mudança nos padrões e modelos causa no sujeito a impressão de mais e mais dificuldades, no que diz respeito a se atingir o ideal imaginado, e torna o fenômeno ainda mais complexo.

Embora o corpo pareça ser único e próprio, não o é. Tampouco a exclusividade e a autonomia, sentidas no contexto de individualização, são passíveis de alcance. Como fonte de sociabilidade o corpo está marcado pelo contexto social de sua existência. O *preço* desse processo é alto. Como capital simbólico de relações sociais o corpo passa a ser configurado como a procura de um ideal de forma e representação que se nos aparece caracterizado pela escassez: o ideal de corpo é quase que inatingível! O sistema de busca atual deste ideal implica, inclusive, em componentes não-naturais, como é o caso de intervenções cirúrgicas para implante ou aspiração de partes corpóreas. Quando pareço estar perto da meta que me é proposta, ela muda, mas já mudei também, logo, estou mais distante do ponto “certo”. Sabe-se o que se quer ser (ainda que momentaneamente) e o que não se quer ser (quase sempre), mas atingir satisfatoriamente ambos os estados, ou mesmo se aproximar deles, é tarefa árdua e

marcante, e caracterizada por sofrimentos e angústias. Será possível?

A individualização é algo que ultrapassa o controle do indivíduo. Em sociedades complexas emerge o isolamento e a encapsulação dos indivíduos em suas relações com os outros. A descoberta de que desejos são tratados de maneira diferente no novo contexto social, faz com que a individualização seja entendida como processo crescente por um lado, e por outro como processo de civilização (ELIAS, 1994). Ora, se as tensões sociais se intensificam e as dificuldades de convivência com outras pessoas também marcam esse período, e internamente desencadeiam-se sentimentos como o de autocontrole ou repressão de impulsos, fortalece-se cada vez mais a sensação de auto-percepção e de relação dos indivíduos não mais com os grupos que estão a sua volta, mas consigo mesmos. O contato com outras pessoas, a partir daí, leva em consideração tudo aquilo que internamente os diferencia, aquilo que os separa de existir sem relação e, como consequência, existe um choque entre indivíduo e sociedade. O corpo nasce e transforma-se de acordo com o contexto social, por necessidade ou vaidade, e por isso são tão profundas e marcantes os intensos e contínuos processos sociais que relacionam o corpo.

A adaptação dos jovens, desde a idade infantil, em sociedades situadas nesse estágio de urbanização (ELIAS, *idem*), se torna prolongada e complexa, na medida em que é necessária cada vez mais especialização para a execução das tarefas “adultas”. Isso significa que nessas situações, a complexidade social, munida por regras adotadas pelos considerados adultos (maduros), estende o período necessário para o amadurecimento pessoal. Não é só o amadurecimento biológico que é esperado pela sociedade, mais que isso, existem estágios, degraus, que devem ser cumpridos e passados, como a escola e a universidade (sobretudo para a classe média), e que fazem desse processo de amadurecimento completo, algo que necessariamente deve cumprir etapas e regras sociais. Espera-se o mesmo do corpo. O médico diz se o tamanho equivale à idade desde as consultas pediátricas até a apresentação ao serviço militar. A autoconfiança e a autonomia também são difíceis de ser alcançadas nesse processo de crescente especialização, estágio por estágio das sociedades. E isso faz com que surjam novos problemas na vida das pessoas. A transição de uma esfera para outra (desenvolvimento passo a passo *versus* amadurecimento completo) é marcada por cortes mais ou menos marcantes que determinam por muitas vezes pensamentos em relação ao futuro e fazem com que a assimilação da vida e a assimilação de conhecimentos se transformem, algumas vezes, em dificuldades emocionais. Não significa, porém, que essas dificuldades apareçam em todos

os “candidatos” ao amadurecimento, mas sem dúvida esse processo social desencadeia medos e incertezas até mesmo no mais “regrado”, “obediente” e “padronizado” indivíduo. Tudo porque a cobrança exercida pela sociedade, que espera dele o cumprimento de cada fase, torna-se, a cada dia, mais dura e constante. E veremos mais adiante, ao adentrarmos no conceito de corpo, que a questão da individualização é extremamente importante para tentativa da compreensão da relação eu *vs.* corpo e sociedade *vs.* corpo.

Para Bauman (2001), a individualização também é pensada a partir da divisão da sociedade em períodos distintos, e tal qual Norbert Elias (*idem*), entende esse processo social a partir de duas etapas que se diferenciam em processos históricos de mudança. Bauman (*idem*) inicia sua reflexão sobre o individualismo fazendo uma comparação entre o chamado “capitalismo pesado” e o “capitalismo leve”. Entende que o capitalismo pesado se caracterizou, desde a criação da produção em série, quando tarefas pré-definidas determinavam o que, como e quanto fazer, ou ainda, “recursos humanos” ou humanos como recursos de mão-de-obra (reificação), e não sujeito social constitutivo e constituinte do mundo social. As palavras ordem, regulação, controle, vigilância, progresso, história linear e crescente e até opressão fizeram parte desse processo. Isso porque as tarefas eram acompanhadas de “vigias”, “chefes”, “gerentes” que determinavam a ordem com que deviam ser feitas as funções determinadas em virtude de teleologia da história a ser alcançada. Talvez, a única certeza firmava-se na capacidade de desempenhar o papel definido e na confiança da continuidade do serviço. Afinal, a execução correta e o alcance na produção definiam o futuro e a expectativa dos trabalhadores. O capitalismo, nesse contexto, estava fixado em uma ordem social imposta, muitas vezes a-histórica, e seguida à risca, como padrão de vida e projeto guia. Existia assim a previsibilidade, pois a estabilidade estaria garantida nas estruturas, e destas poderíamos conhecer suas essências de existências.

O capitalismo leve reflete os dias de hoje, em que a incerteza toma conta do sentimento de trabalhadores (o que não significa classe social) e de todas as pessoas. Especificamente, no primeiro caso, como nos conta Elias (1994), já não se sabe por quanto tempo iremos exercer trabalhos em empresas ou indústrias. Diferente da época pesada quando a luta de classes e a ideológica rendiam disputas acirradas e os empregos tinham mais garantias de continuidade. Conforme Elias (*idem*), não está ao nosso alcance fazer algo para que as regras sejam mudadas e a segurança seja alcançada. Os empregos e a economia caminham sobre patamares leves nos quais não há possibilidades de permanência por muito

tempo, e a certeza de que alguém vai tomar frente nesses problemas encontra outro alguém também confuso e sem rumo. Por isso, o único rumo, talvez a única possibilidade caminhe ao encontro da individualidade, às possibilidades de se pensar em saídas cada um por si. É dessa forma que se desenha o capitalismo leve de hoje.

O processo de individualização é um fenômeno das sociedades líquidas (BAUMAN, 2001), e também das sociedades complexas (ELIAS, *idem*), entendido a partir do momento em que mudanças históricas e novas situações políticas, econômicas e culturais transformam os meios sociais em lugares de risco, insegurança e incerteza. Elias (*idem*) e Bauman (*idem*) passam a entender esse processo após a análise das mudanças sociais ocorridas ao longo da história. Ambos procuram entender primeiro a sociedade da época em que o capitalismo pesado pairava, ou as sociedades mais simples prevaleciam, e depois as complexas e líquidas. Assim, houve uma drástica mudança em relação aos indivíduos que viveram ontem, e os indivíduos que vivem hoje, transformando-se através de um processo de individualização. As diferenças nas novas sociedades, complexas, e também líquidas, demonstram que diversas mudanças no comportamento dos indivíduos vêm ocorrendo.

O chamado *choque* entre indivíduo e sociedade, é constatado no caso das academias, pois a procura pelo ideal de corpo para fins de composição das relações sociais nas quais aquele indivíduo está envolvido demonstra-se numa luta entre os outros corpos como referência prática, o seu corpo e o ideal de corpo a ser perseguido. A luta não é entre classes sociais, extratos sócio-econômicos mas registrada nas condições individuais do corpo biológico a serem organizadas para formação do corpo social. O corpo biológico é deprimido em relação ao conjunto de requisitos de sua formação social. Por isso os corpos são moldados no aspecto biológico, mas absorvem a dimensão social com a forma determinada pelos saberes e expectativas açambarcadas e relidas nas relações sociais. Sociedade e indivíduo, corpo e atividades sociais estão dispostos como capitais simbólicos que possibilitam reconhecimento e distinção entre os pares. A vida social constitui-se como uma luta pela distinção e tal se dá, em parte, pela capacidade de exposição do corpo o mais próximo possível do inatingível ideal de corpo. A aceitação social, neste campo, está associada ao corpo como capital simbólico e sobre os efeitos de capital. Conforme Bourdieu (2001):

O corpo está no mundo social, mas o mundo social está no corpo (...) as próprias estruturas do mundo estão presentes nas estruturas (ou melhor, os esquemas cognitivos) que os agentes empregam para compreendê-lo: quando é a mesma história que sobrepõe o hábitus e o habitat, as disposições e a posição (...), a história se comunica de algum modo consigo mesma, reflete-

se e nela própria. A relação dóxica com o mundo natal é uma relação de pertencimento e de posse na qual o corpo possuído pela história se apropria de maneira imediata das coisas habitadas pela mesma história. É somente quando a herança se apropriou do herdeiro que o herdeiro pode se apropriar da herança (p. 185).

Então o corpo biológico só pode se manifestar socialmente quando incorpora essas condições de manifestações sociais. A individualização atravessa essa relação e desloca para o indivíduo os esforços, lutas e conquistas que estão inscritas nas relações e incorporadas no próprio indivíduo. As metas sociais de formação social do corpo constituem-se como capital simbólico e como tal estes são escassos, por isto, a luta é permanente. O corpo biológico é assumido pelas categorias sociais. Os saberes sobre o corpo são os códigos de conduta a serem alcançados pelo indivíduo e demonstrados através de seu corpo.

Há que se destacar também, que existe significativa mudança hoje, em relação aos jovens que viveram na era chamada “dura”, ou “simples”. A liquidez social, ou a complexidade dos grandes centros trouxeram mudanças significativas no relacionamento com as pessoas e no relacionamento consigo mesmo. A questão que envolve escolhas feitas, tarefas cotidianas e necessidades pessoais também têm relação com os ensinamentos provindos da família e da tradição. Isso porque o *habitus* - para Pierre Bourdieu o conjunto de disposições mentais e psicológicas incorporadas como naturais em função da repetição - criado em torno da vida que levavam na idade infantil, os exemplos de como e o que fazer, são trazidos consigo ao longo do processo de amadurecimento. Maneiras novas de agir e experiências diferentes, também fazem parte da vida, mas as especificidades que envolvem o processo de aprendizagem desde o início da vida, marcam laços fortes e os ligam diretamente às potenciais possibilidades de novas ações sociais.

A credibilidade nos ideais televisivos ou nos papéis desempenhados por artistas, representando imagens pré-aprovadas socialmente, faz com que as pessoas tentem assemelhar-se de alguma forma a esse modelo. Seja no jeito de falar ou vestir, no jeito de comportar-se perante a sociedade ou na forma corporal, o que parecem buscar é um ideal compartilhado por todos. A proporção atingível na aprovação social por artistas televisivos gera interesse no “sujeito comum” de sê-lo também. De certo modo somos ao mesmo tempo diferentes e únicos, vivemos a intensa e constante busca pelo “modelo ideal”, e sofremos o impacto de termos a idéia (constantemente reproduzida pelos meios de comunicação), de liberdade e a auto-suficiência a nosso favor, mesmo quando ela não nos proporciona o que fundamentalmente buscamos. O corpo, a beleza, a estética e a saúde não são coisas facilmente

compreendidas nem tampouco palpáveis especialmente na era da individualização marcada por mudanças rápidas e dificuldades de relacionamentos.

Os afazeres cotidianos, tal qual o tamanho dos esforços necessários para integração no novo “paradigma” de vida, obedecem a intuições relativamente circunscritas a processos de construções históricas, mas permeiam também um campo já explorado e conhecido através dessas mesmas construções. Dizer que os campos de atuação e relacionamento revelam novas alternativas, seria dizer que os enfrentamentos e as disputas, ao longo de processos sociais, despertam novos caminhos e trazem novas opções. Como Bauman (2001) analisa ao referir-se ao indivíduo consumidor, as mudanças nesse campo são rápidas e vêm acompanhadas do alerta “melhor consumir antes de”. A necessidade da escolha bate de frente com a dúvida sobre a certeza. Logo, a pensada liberdade de escolha (optar com autonomia), encontra contingências, das quais as pessoas ainda não depararam pela frente. Sobre esse “primeiro encontro” com as contingências, é válido destacar que o próprio contato com o diferente é, muitas vezes, entendido como fato positivo, mesmo que desconhecido. Afinal, as campanhas televisivas destacam, com frequência, a necessidade de mudança, outras vezes, subliminarmente transformam as coisas e também as pessoas. Mas mesmo que nem todas as conseqüências desses fenômenos tragam benfeitorias ou bons resultados, e realmente não produzem só boas atitudes e relações, todo esse processo é reconhecido como novo e importante para grande parte das pessoas. A vasta gama de opções proporciona muitas coisas e impossibilita outras num constante processo de riscos e incertezas permanentes e até misteriosos.

A procura pelo sucesso permeia o campo da auto-satisfação momentânea, atingível em meio a um contexto de inalcançáveis oportunidades e acontecimentos, não realmente no sentido de fazer tudo aquilo que se quer, mas ao menos possibilitar o encontro com novos fenômenos e relações entre fenômenos. Dessa forma, a busca pelo conforto da realização da própria maneira de agir, pensar, vestir e relacionar (não tão próprias assim), se transforma a cada dia que passa, em um constante período de aprendizagens, decepções, alegrias, tristezas e anseio por reconhecimento.

As imprevisibilidades futuras fazem parte de pensamentos constantes de quem vive na era atual. Se pensarmos na vida contemporânea das sociedades *superurbanizadas* (ELIAS, 1994), chegaremos à conclusão de que na fase da infância, da adolescência e da juventude, passamos por etapas que nos preenchem os dias e nos exigem esforços. Desde a

escola, no período chamado pré-escolar, passando pelo percurso completo da educação fundamental, nos atemos a subir degraus, a enfrentar desafios. O vestibular e o curso universitário também fazem parte dessas chamadas conquistas que, dentro dessa ótica, representam estágios sociais de autonomia e amadurecimento. Consideramos isso, inclusive, vitórias, lembradas inclusive em discursos de formaturas, quando o agradecimento aos que apoiaram as “lutas” é destacado.

A fundamentação do padrão básico da imagem do eu e do homem continua mesmo em modelos avançados de individualização e especialização sociais que emergem nos dias de hoje, com a idéia de um “interior” separado do mundo “externo” como que por uma barreira invisível. Imperceptível mas sensível a todos em algum dia da constante batalha que é viver e adequar-se aos modelos que fazemos coro. Norbert Elias (1994) demonstra que nesse processo de aparente dominação dos meios naturais, que é visto quando pensamos em novas formas de captação de energia e solução para doenças, por exemplo, existe cada vez mais um destaque nas impossibilidades de controle sobre as relações entre pessoas e grupos e sobre o meio ambiente. A especialização se torna fenômeno que distingue os indivíduos nas relações sociais, faz deles concorrentes ou mesmo os torna indiferentes uns para com os outros. Por exemplo, as formações entre especialistas de aspectos extremamente pontuais de disciplinas inibem a proximidade interdisciplinar ou mesmo multidisciplinar entre estes cientistas – tal como se estabeleceu o paradigma científico reducionista, ou ainda quando passamos nos mais diversos lugares e apresentamos indiferenças com situações de misérias. Obviamente, a questão da indiferença também se constitui como parte das e nas relações sociais. No caso da relação entre corpo e sociedade, mesmo que por curto espaço de tempo, tem-se bem definidos parâmetros sobre os limites de aceitação e exclusão extremamente nocivos ao indivíduo. Sabemos, por exemplo, o que se nos apresenta como beleza masculina ou beleza feminina mas não compomos aí o ideal perfeito de beleza. Por outro lado, sabemos também o que significa socialmente o fato de alguém se apresentar para além dos limites do aceitável tal como a maioria das mulheres insiste em perguntar-se sobre a disposição de seu próprio corpo e como cada uma delas memoriza a regularidade de alterações corpóreas: datam as mudanças físicas dos últimos anos ou a variação de peso ocorridas.

Dessa forma a individualização traz à tona, cada vez mais, dificuldades encontradas na relação com quem vivemos. Relacionamo-nos de forma egoísta com o meio natural onde vivemos, o consideramos nosso, e ainda julgamos ser isso fonte de progresso na

nossa missão de se especializar. Com os outros indivíduos, ao contrário, mantemos uma relação de distância, afastamento e aparente indiferença. A natureza, a sociedade e o indivíduo têm uma relação na qual, o indivíduo pode expressar suas vontades e ser negado pela sociedade, que lhe recusa a realização do seu eu interior. A natureza, pelo contrário, é vista como símbolo de tudo que é bom, sadio e curativo. Dessa forma, a sociedade vai ser vista como aquilo que impede as pessoas de um desfrute natural da vida, pois delimita as vontades, determina, impõe e permite ou tira o alcance de certos espaços.

Nas comunidades “tradicionalistas”, as decisões estavam diretamente ligadas ao grupo como um todo, e nem se pensava em outra possibilidade fora desse contexto. O indivíduo, nessas sociedades, compunha-se e adaptava-se para um convívio constante com outros. O “nós” sobrepunha-se ao “eu”, e mesmo os desejos diferentes entravam em consenso pró-grupo. Diferentemente nas sociedades industrializadas, urbanizadas e densamente habitadas, indivíduos (adultos) têm mais oportunidades, capacidade e necessidade de ficar sozinhos. A sensação de independência individual, no sentido em que é possível tomar decisões, faz com que o indivíduo isole-se em consequência dessa auto-suficiência. O desenvolvimento social rumo a “níveis elevados de individualização de seus membros, abre caminhos para formas específicas de realização e formas específicas de insatisfação, chances específicas de felicidade e contentamento para os indivíduos e formas específicas de infelicidade e incômodo que não são menos próprias de cada sociedade” (ELIAS, 1994, p. 109).

Existem, assim, riscos nas tentativas de realização pessoal, e as derrotas tanto quanto as vitórias, que representariam o bem estar social ou a possibilidade de alcance das próprias metas, constantemente, representam ameaça e trazem inquietação aos indivíduos da sociedade urbana. Chegar ao que se propunha como desejável inspira não mais do que a luta pela manutenção da condição atual e a ampliação dos limites do desejável: “como posso melhorar?”. As diferenças sociais de classe ou grupos sociais, também, exercerão influência na gama de possibilidades e nas ramificações pelas quais as passagens ou possibilidades irão se abrir ou fechar para os indivíduos, mas é importante destacar que a vastidão e as bifurcações dessas ocorrem principalmente porque elas pertencem a sociedades complexas. É claro que as classes sociais diferenciam-se pela gama de possibilidades e oportunidades; mais que isso, possibilidades podem ser abertas ou fechadas mediante a comprovação de que se pertence à classe “a”, “b” ou “c”.

Esta vasta lista de opções e caminhos a serem seguidos irá desencadear muitas perdas. Isso porque a especialização exige que se abra mão de outras coisas que possivelmente também interessam, e, por isso, causa dúvidas quanto à sua validade para a vida do indivíduo, utilidade em relação ao escolhido e estarão, lado a lado, comparativamente, como uma opção outrora possível e agora perdida. Isso significa que a canalização para um caminho único resultará em não aproveitamento de habilidades e desperdício de capacidades, além do risco de a escolha feita se apresentar como inadequada. Perdas que caminham lado a lado com a nossa própria escolha, e refletirão a cada derrota ou dificuldade, algo que aparecerá como possibilidade em outra fase da vida. Pode-se dizer, por exemplo, que se tenho várias habilidades, mas escolho ser advogado, a possibilidade de ser dentista, legitimada pela minha condição de habilidade vista antes de definir meu rumo profissional, irá fazer com que paire no ar o sentimento de dúvida e incerteza sobre o que realmente é melhor para mim. Desperdiço, com isso, uma enorme possibilidade de me destacar em outra profissão, mas isso geralmente só vai ser lembrado em caso de um tropeço futuro, cansaço ou arrependimento - este é o lado pessoal e mais íntimo da escolha. De outro lado, de forma mais relacional e de posicionamento social, a lembrança das escolhas realizadas pode ser manifestada pelo sucesso e reconhecimento de algum amigo ou colega que optou pela carreira de odontologia. Assim, também, a constante busca pelo corpo ideal (que se altera rápida e constantemente), fundamentada na opinião das outras pessoas, dos meios de comunicação e também na nossa própria impressão, vai causar uma série de dúvidas e incertezas e fazer também brotar da pele (muitas vezes literalmente) cicatrizes profundas e permanentes. E ainda, a constante mudança, possivelmente pode trazer de volta algo que já se foi ou um estado terrível de perda inconsolável e sem chance de retorno. Pelo contrário, quando o reconhecimento aparece, os custos sociais de sua manutenção são também muito elevados e os desafios se estabelecem no campo da permanência do reconhecimento; qualquer progressão será observada como diminuição de conquistas e sucessos.

Mas, a “antecipação do futuro” na era atual é deixada de lado em prol do ideal momentâneo e sair marcado, desse processo, é comum e não costuma sensibilizar nem um pouco os instrumentos geradores de ideal. Assume-se riscos e paga-se o preço por isso. Afinal, a idéia de liberdade, nos dias de hoje, vai ao encontro à idéia de ser dono de si mesmo (“ser dono do próprio nariz”: seja ele modificado ou não).

1.1 ESCOLHAS, RISCOS E INCERTEZAS

Para Bauman (2001), as sociedades líquidas também sofrem da condição de riscos e incertezas, embora ele credite isso mais diretamente à ênfase dos indivíduos em relação aos seus desejos próprios, ao consumismo. A ligação existente entre Bauman e Elias, nesse ponto, aparece quando por um lado a especialização é perquirida a todo custo como fator de melhoramento pessoal, e por outro quando a busca pelo melhor para si, em contexto de consumismo, também encontra a satisfação própria no auge das sociedades. Giddens (2002) também se debruça sobre a discussão acerca dos indivíduos e demonstra que a questão das vontades próprias define o rumo social, embora essas vontades permeiem não só o campo do indivíduo, mas também o campo de influências na vida dele. Diz ele, que tomar conta de nossas próprias vidas envolve risco.

O que queremos demonstrar é que existem valores trazidos pelos sujeitos que vêm desde seu berço familiar e que são determinantes nas relações sociais e na maneira de interagir quando inseridos em campos específicos.

O indivíduo deve estar preparado para fazer uma ruptura mais ou menos completa com o passado, se necessário, e deve contemplar novos cursos de ação que não podem ser guiados simplesmente por hábitos estabelecidos. A segurança alcançada pela estrita obediência é efêmera, e em algum ponto se romperá (GIDDENS, 2002, p. 74).

A capacidade individual, amadurecida ao longo dos anos irá determinar rupturas comportamentais significativas quando perante aos novos desafios da vida, se encontrar o indivíduo. Não significa dizer que haverá completo esquecimento, e tal qual um corretivo, a memória do sujeito apagará tudo que aprendeu no seu processo de crescimento desde a idade infantil até hoje, mas existirá sim um rompimento, proporcionado não só pela gama de possibilidades encontradas nos novos campos, mas também pela necessidade de contemplação de novos cursos sociais. As influências (seja por intermédio de relações pessoais ou meios de comunicação) representam também fator fundamental nas decisões de vida das pessoas, e por isso também na vida dos alunos de academias. Vale lembrar o que Pierre Bourdieu diz sobre a televisão, fundamentalmente no que se refere ao simplismo por ela apresentado.

[...] dispensa todo trabalho que é preciso fazer para compreender fenômenos como o fato de que, sem que ninguém tenha pretendido realmente, sem que as pessoas que financiam tenham tido de intervir tanto, tenha-se esse produto muito estranho que é o “jornal televisivo”, que convém a todo mundo, que confirma coisas já conhecidas, e sobretudo que deixa intactas as estruturas mentais (1997, p. 63-64).

A relação do sujeito com o contexto do campo (academia) pode lhe demonstrar ou ocultar caminhos, possibilitar ou não a formação de grupos, mas também causar dúvidas e incertezas referentes à noção de corpo. É arriscado fazer escolhas, pois os resultados dessas escolhas podem não ser os esperados, ou mesmo representar erros por muitas vezes irreparáveis.

Nas condições da alta modernidade não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-lo. Não temos escolha se não escolher. Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de auto-identidade (GIDDENS, 2002, p. 79).

Para Bauman, (2001) a regularidade e os limites entre o certo e o errado eram papéis das *supremas repartições*. A falta dessas desencadeia, sobre indivíduos e seus objetivos mais risco, incerteza e agonia, pois o efeito tranquilizador que exerciam já não é encontrado em contexto de modernidade líquida. Não significa que não possamos encontrar saídas, mas o que nos aflige é saber que os riscos são incalculáveis e as possibilidades duradouras de soluções são menores ainda. O número de saídas é muito grande, e a impossibilidade de escolha, ou de certeza, bate de frente ao tempo curto, cuja dificuldade parece estar resolvida, mas é novamente invadida por imensa gama de outras possibilidades. “Nas novas circunstâncias, o mais provável é que a maior parte da vida humana e a maioria das vidas humanas consuma-se na agonia quanto à escolha de objetivos, e não na procura dos meios para os fins, que não exigem tanta reflexão” (BAUMAN, *idem*, p.73). As questões referentes ao que podemos fazer passaram a dominar a ação, e minimizam ou excluem a questão de como ou de que maneira devo fazer para obter resultados. O capitalismo *leve* é obcecado por valores. A infinidade de possibilidades e caminhos abertos, sejam eles arriscados ou não, parece ter preenchido os espaços deixados pelas *supremas repartições*.

As utopias da boa sociedade deixaram de ser escritas, e o indivíduo agora deve ser responsável e capaz de resolver sua vida e encontrar saídas para seus problemas. Estas são

condições de individualização. Milhares de oportunidades surgem à frente dele e, ainda que escolhidas, não permanecem por muito tempo. Acostumou-se e já se sabe que as oportunidades não duram, e devem dar lugar a outras, reflexo da mudança infinita que traz uma liberdade perigosa. Viver em meio a tantas possibilidades dá uma sensação de liberdade, mas caracterizada na sensação de inacabado, de incompleto, traz um estado de ansiedade. A vasta gama de possibilidades implica em escolhas, e por isso também traz riscos. Além disso, após a escolha, ainda surgem as possibilidades de dúvidas sobre o melhor caminho escolhido, o melhor rumo. Exemplo disso pode ser encontrado em meio aos tipos de exercícios constantemente apresentados para os alunos de academias. Diversas maneiras de como exercitar melhor determinados músculos (sugerindo assim lhes proporcionar “melhor resultado”) são apresentados no momento da prática. Como teorias filiadas a grandes teóricos, diferentes modelos são apresentados, e a escolha de um desses é encarada como determinante para obtenção de resultados. A idéia de que o ascetismo a determinados métodos é decisivo na obtenção do resultado esperado é perigosa.¹³

As chamadas autoridades, que permanecem mesmo no capitalismo leve, aparecem agora em número enorme e por isso não conseguem ficar muito tempo no poder, ou em posições exclusivas, isso quando conseguem atingir esse ponto. Ocorre que o avanço tecnológico e o crescente processo de especialização, ou ainda, o avanço da contingência nos mostram ou deixam de mostrar o lugar onde as coisas deveriam estar, estavam, estão, ou estarão. Nada, definitivamente, ocupa lugar definido, senão a impossibilidade da permanência. Pela noção de contingência podemos imaginar diversas possibilidades de compreensão dos motivos pelos quais vivemos, temos anseios e assumimos riscos. A exacerbada vontade de termos tudo – na época que Elias (1994) chamaria de complexa, Giddens (2002) chamaria de reflexiva e Bauman (2001) denominaria líquida –, faz com que as decisões, a preparação para a execução delas, e o próprio acontecimento não percorram um longo tempo.

Hoje as autoridades não mais ordenam, senão têm de se tornar agradáveis conselheiros para satisfazer e seduzir a quem as coloca no poder – as metas não decidem exclusivamente o comportamento, mas as relações segundo as quais se estabelecem as condições de busca de metas influenciarão os processos de caminhada a ser seguida. O que não significa que essas autoridades não vão ser seguidas à risca. Isso porque existem outros

¹³ Há propagandas sobre meios de se conseguir emagrecer através de instrumentos de “conquistas sem esforços” e medicamentos que não alteram as condições naturais do corpo (aqueles que capturam a gordura, etc.), além dos que apresentam os recursos por meio de suas próprias conquistas físicas (apresentadores que foram esportistas - Giovanni, Oscar, etc.)

fatores determinantes, individuais, que podem fazer valer a filiação ou a adesão a determinados modelos.

Interessante notar que a figura da autoridade nas academias difere muito, por exemplo, da idéia de autoridade do professor dentro da sala de aula (escola formal). Ocorre que a relação entre o professor ou instrutor de academia com o aluno é muito mais no sentido de delimitação de atividades e sugestão ou conselho de práticas, do que propriamente exercício da autoridade pedagógica. O aluno de academia motiva-se com objetivos próprios e referencia-se pelos aparelhos de ginástica, por isso, revela intenção de dar seu melhor. O professor não professa a prática determinada pelos aparelhos, mas sugere quais aparelhos mais adequados para determinados fins. A informação das práticas está pré-agendada nos aparelhos: reconhecê-los e utilizá-los pela capacidade do aluno é a tarefa do professor. Além disso, ficar conversando ou não fazer uma série completa de exercícios trará “problemas” única e exclusivamente a ele. De modo que não será cobrado, por isso, diretamente por uma autoridade da instituição academia. A cobrança, nesse caso, é social com forte influência no campo das relações, por fim, a prova será estabelecida em condições de sociabilidade. De outra forma, a condição disciplinar é muito mais auto-referenciada do que originária de condição externa ao “aluno”. Neste caso, este não integra uma “disciplina” como forma de organização do trabalho acadêmico, por exemplo, mas atua pela busca própria de resultados físicos, sobretudo físico-estéticos. Assim, os “ganhos”, esforços, conquistas, etc. são fenômenos auto-disciplinares. Todavia, as conquistas devem ser anotadas e notadas pelos outros. Deste modo, podemos, como categorias analíticas, dispor de, num primeiro plano, atos auto-disciplinares e, num segundo plano, reconhecimento, aceitação social como forma de consolidação das conquistas.

A diferença, entre os líderes da modernidade sólida e os conselheiros da modernidade líquida, é que os primeiros se caracterizavam por buscar soluções para o grupo e junto ao grupo e os conselheiros dão conselhos para indivíduos. Isso significa que, a era da liquidez não só aproximou os interesses individuais, do próprio indivíduo, como fez com que o interesse pelas questões conjuntas fosse gradativamente desaparecendo. Bauman (2001) ainda nos lembra que uma das principais diferenças entre líderes e conselheiros é que os primeiros demandam disciplina e são seguidos, e os segundos devem agradar e conquistar a vontade de ouvir, além de poderem ser demitidos. Algo parecido com o que os programas de televisão hoje (nem todos) tentam fazer com os seus telespectadores. Porém, ainda que

ameaçados, pelos números da audiência e pela “demissão” provinda de pessoas insatisfeitas ou enjoadas, têm forte capacidade de convencimento no que diz respeito a sua enorme capacidade de deixar intacta a estrutura mental reflexiva e crítica das pessoas.

No caso dos conselheiros, o que as pessoas esperam deles é um exemplo a ser seguido, uma solução simples para os seus problemas, algo que se assemelhe aos nossos e, com isso, nos traga uma “luz”; mais que isso, esperamos descobrir e localizar os problemas para resistir ou resolvê-los de uma vez por todas (mera ilusão!). Essa experiência torna-se tão comum na era líquida que chegamos a dar nome aos problemas. Não é por acaso que livros de auto-ajuda têm sucesso garantido (especialmente na modernidade líquida) e muitas vezes parecem resolver tudo aquilo que achávamos não ter solução – mas alguém teve sucesso, está no livro! Existe quem seja famoso como os atores e atrizes, e por isso, pregando a auto-suficiência, se apresentam exemplo ou sejam vistos assim. Bauman (*idem*) cita o exemplo de Jane Fonda que demonstra em seu livro, como ter um corpo esbelto, como ser uma “Jane Fonda”. Ela credita isso unicamente ao seu esforço próprio, e incita seus leitores a jogarem todas suas fichas em si mesmos dizendo que a eles cabem as transformações ou as vontades, que não são impossíveis. Basta querer! Interessante notar que, programas de televisão com menor expressão (índice de audiência) e com pessoas não tão conhecidas que concedem entrevistas e falam sobre suas vidas (aconselham) também despertam interesse enorme nas pessoas. Dependendo do grau de autoridade e de popularidade do entrevistado, o exemplo parece ser mais fácil de ser seguido, algo mais acessível para os milhares de telespectadores.

Nomear o problema se torna uma tarefa de risco, assustadora, e causa inquietação. Nos programas de tevê, diz Bauman (2001), pessoas de “nome”, de notoriedade e domínio público, dão lições que podem fornecer palavras que poderão “nomear os problemas”. É por isso que, em entrevistas longas, pessoas podem expor o que há de mais esdrúxulo e próprio, sem temer retaliações, demonstrando que a questão íntima, e outrora inadequada, é agora a fonte de aplausos e admiração. Esses programas *legitimam* o discurso público sobre as questões privadas, tornando o indizível dizível e o vergonhoso segredo em questão de orgulho.¹⁴

A definição corrente de “interesse público”, promovida pela mídia e amplamente aceita por quase todos os setores da sociedade, é o dever de encenar tais dramas em público e o direito do público de assistir à encenação. As condições sociais que fazem com que tal desenvolvimento não seja surpreendente e pareça mesmo “natural” devem ficar evidentes à luz

¹⁴ Há também a forma de apresentação de obras científicas nas quais muito dificilmente se encontram expressos os entraves, as dificuldades, os anseios, as incoerências de pesquisa. Os livros científicos se nos aparecem como exemplos de perfeição muitas vezes conseguidas solitariamente.

do argumento precedente; mas as conseqüências desse desenvolvimento ainda não foram inteiramente exploradas. Podem ter maior alcance do que em geral se aceita (BAUMAN, *idem*, p. 83).

A conseqüência disso, segundo Bauman (*idem*), é o desaparecimento da política: o que se vê é como as “questões públicas são os problemas privados de figuras públicas”. Dessa maneira, as questões abordadas acima levam homens e mulheres a procurar exemplos e não líderes.

Ser exemplo, alcançar o sucesso pessoal ou buscar soluções. Tudo isso gera um limite inalcançável para as pessoas de forma geral. Nessa corrida, ninguém chega ao fim e pode sentir-se satisfeito. Na compra de produtos, por exemplo, mesmo com milhares de opções, nenhum produto faz o indivíduo sentir-se realizado por muito tempo, sendo que uma das partes da conquista é a aquisição que, por sua vez, finaliza-se quase que completamente a partir da própria aquisição do produto. Na vontade de dar conselho, nenhum conselheiro agrada a todos os aconselhados, nenhum político faz todas as vontades. Não existe atriz, cantor famoso, personalidade de destaque que consiga permanecer por muito tempo no auge. Isso porque os interesses também mudam, as rotinas não são as mesmas na modernidade líquida. A gama de possibilidades e fins, nos dias atuais, é muito grande, e maior que os meios disponíveis, e “é a eles que se deve atender com mais cuidado” (BAUMAN, 2001, p. 86).

II CORPO COMO FENÔMENO SOCIAL

[...] O caso é que nesse engorda-emagrece, engorda-emagrece, eu parei por último no engorda. **O problema** é que passar a vida inteira **preocupada com o peso é um porre**. E a pior parte é ouvir as mesmas soluções e receitas de dieta que você não vai fazer, como: "Comer muita fruta, muita verdura, cortar massas e suspender o açúcar". Ah, então tá. Vamos cortar as massas. Pega a tesoura, por favor, que eu vou picotar o espaguete e já volto. O açúcar eu vou guardar em cima do armário pra ficar suspenso. As frutas eu vou comer, todas, como um bom "abacatesão" e uma "jaca gay". Vamos deixar de ser **hipócritas**, o mundo ocidental, capitalista, foi projetado para **produzir gente gorda**. Você vai na lanchonete e tudo é gorduroso, calórico e cheio de açúcar. Pra disfarçar eles vendem uma daquelas saladinhas transgênicas cuja embalagem é mais saudável que o conteúdo. [...]

Nesse capítulo estaremos a apresentar abordagens sobre corpo como fenômeno social, a partir dos conceitos de sociabilidade, sociação e socialização. Primeiramente, através da exposição das idéias centrais da sociologia do corpo de Le Breton (2006); em seguida, por meio da compreensão do conceito de sociabilidade, sociação e socialização a partir de Simmel (2006). Por fim, vamos relacionar a adequação destas abordagens em nossa pesquisa como fundamento teórico-metodológico e aproximaremos a idéia de sociabilidade na academia de ginástica na relação com a noção de corpo em contexto de individualização.

2.1 O CORPO A PARTIR DAS IDÉIAS DE LE BRETON

As idéias de David Le Breton (*idem*) sobre corpo são fundamentais para se tratar sobre o desenvolvimento dos estudos na arena da sociologia do corpo. Para analisar o surgimento da sociologia do corpo e defender suas especificidades como disciplina, Le Breton enumera obras que tratam da idéia de corporeidade ainda que não especificamente produzindo uma sociologia específica, mas dando início aquilo que mais tarde se desenvolveria para tornar-se a Sociologia do Corpo. Mesmo nome que leva seu livro traduzido para o português (originalmente chamado *Sociologie du corps*, publicado em Paris em 1992). Nele possibilita

noção vasta do contexto e época em que o corpo começa a ser abordado nos estudos antropológicos e sociológicos, em seguida, tornando-se objeto de estudo de uma sociologia específica, embora não de uma disciplina específica.

Le Breton (2006) começa seu livro intitulado *Sociologia do Corpo* afirmando que “antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (p. 7). Destaca que a sociologia, ao problematizar o corpo como fenômeno social, está diante de imenso e ainda pouco explorado, campo de estudo. Na sociologia praticamente não se institucionalizou o corpo como uma área disciplinar como outros fenômenos. Isto é, enquanto se instituí disciplinas como sociologia das organizações, sociologia ambiental, sociologia das elites, sociologia urbana, sociologia rural, etc., não houve a geração da sociologia do corpo. Eis porque estudos sobre o corpo como fenômeno social ainda remetem a pesquisas exploratórias e pouco sistemáticas.

O início da preocupação com os estudos sociológicos que abordam a corporeidade, segundo Le Breton (*idem*), data do século XIX. A idéia de corpo, no entanto, aparece entrelaçada com a miséria física e moral das classes trabalhadoras. Autores como Villermé,¹⁵ Buret,¹⁶ Engels¹⁷ e Marx¹⁸ se debruçam sobre estudos, embora não tenham como objetivo encontrar maneiras para se pensar especificamente o corpo, são certamente o primeiro passo para isso. Seus estudos abordam objetivos mais urgentes para o contexto da época. A corporeidade, para esses autores, não é o objetivo principal de suas obras, mas como pano de fundo ela aparece ligada aos problemas de saúde pública ou nas relações específicas do trabalho. O corpo aparece como um fato de cultura num contexto social no qual a transformação é imprescindível para a mudança do funcionamento social.

Outra vertente de estudo inverte a idéia de corporeidade como efeito social da condição humana e coloca a condição social como produto direto do corpo. As medidas do rosto, o peso do cérebro e os ângulos faciais passam a ser determinantes para classificação do homem na sociedade. O mundo, nessa visão, obedece a ordens biológicas encontradas nas aparências corporais. A partir dessa idéia, a natureza está sobre o homem de tal maneira que não cabe a ele agir, senão, aceitá-la como é.

Cabe aqui, antes de prosseguirmos na *demonstração* de como a sociologia do corpo veio a ser trabalhada como uma área específica de investigação, fazer uma comparação – ainda que exploratória – com os modelos de ideais de corpo que encontramos nos dias de

¹⁵ Escreveu: *Quadro explicativo do estado físico e moral dos operários empregados nas manufaturas de algodão, de lã e de seda* (1840).

¹⁶ Escreveu: *Da medida das classes laboriosas na Inglaterra e na França* (1840).

¹⁷ Escreveu: *A situação da classe laboriosa na Inglaterra* (1845).

¹⁸ Escreveu: *O Capital* (1867).

hoje. Embora a idéia de corpo nos parágrafos acima ainda não fosse concebida de maneira científica (como uma sociologia do corpo, uma especialidade da ciência), e nos parecesse simplória e até assustadora, alguns detalhes percebidos pelos autores, até então, parecem fazer sentido no nosso dia a dia. Compreender a sociedade a partir da classificação dos indivíduos pela forma do rosto ou pelo trabalho que exercem não é algo que não aconteça nos dias atuais. Embora tenhamos caminhos diferentes para analisar a relação entre o corpo e a sociedade, os preconceitos e as ideologias encarregam-se de dar nova vida a compreensões que antecederam a sociologia do corpo propriamente dita. Não raramente vemos grupos sociais ou pessoas sendo classificadas com diversos adjetivos em consequência de seu trabalho ou seu corpo (roupa, forma física, maneira de falar).

Segundo Le Breton (2006, p. 17), Émile Durkheim contesta o modelo biológico para explicação do fato social. A dimensão corporal do homem depende da organicidade, mesmo sendo essa marcada pelas condições da vida. Desse modo, a compreensão da corporeidade é muito mais competência da medicina e da biologia do que da sociologia. A partir do século XX a psicanálise rompe essa barreira e Freud dá uma enorme contribuição para a tentativa de se compreender a corporeidade como, de certa maneira, objeto das relações sociais e da história dos sujeitos. Mas ainda que desde 1895 Freud e Breuer escrevam *Estudos sobre a histeria*, na qual surge um olhar diferente sobre a natureza e o indivíduo e sua presença no mundo, boa parte dos sociólogos permanecem com a idéia de representação organicista do corpo.

A idéia de que o homem não é produto do corpo, mas sim produz ele mesmo qualidades do e no corpo na interação com outros, é no campo simbólico que se mostra de modo mais enfático que a corporeidade é socialmente construída. Entre o final do século XIX e o início do século XX, Simmel escreve sobre o sensorial, as trocas de olhares (1908) e a fisionomia (1901). Em 1909, Robert Hertz aborda num estudo a prevalência da mão direita. Neste estudo, se todos deveriam escrever com a mão direita e utilizá-la para pegar, cortar e cumprir as tarefas do dia-a-dia e algumas pessoas nasciam com a mesma capacidade na mão esquerda, algo de errado ocorria. A sociedade da época obrigava todos a utilizarem a mão direita, quase que num amaldiçoar daqueles que faziam o mesmo com a mão esquerda, e isso intrigou Hertz. Todo aprendizado voltava-se para mão direita, mas o fato de alguns aprenderem com a mão direita e, além disso, permanecerem com habilidades na mão esquerda, dava-lhes vantagens sobre os outros. Multiplicando a ação do homem, a ambidestria

era uma vantagem fisiológica (que não se convertia em vantagem social, pois, se impunha ao indivíduo caráter de aceitabilidade a partir do uso da mão direita). O fisiológico está subordinado, ao menos em boa parte, a condições construídas socialmente e, ao mesmo tempo, a estrutura biológica possibilita e limita as condições sociais do corpo: biológico e social se entrelaçam. A idéia de que escrever com a mão esquerda então errada, atribuía a alguém o rótulo de desajeitado, deformado, contrastava com a idéia de que a mão direita representava destreza, coragem, correção. Com essa constatação Hertz minimizou as pretensões da abordagem unicamente biológica sobre o corpo.

Marcel Mauss traz contribuições importantes em textos como “*O efeito físico da idéia de morte*” (1926) e “*As técnicas do corpo*” (1936), assim como outros estudiosos da Escola de Chicago. Mas o corpo ainda não é diretamente visado pela análise desses estudiosos. Constataram, no entanto, que nos grupos estudados (aldeias, tribos), era possível fazer descrições de como eram realizados os rituais através de operações do corpo. No ano de 1939, em *Civilização dos costumes*, Norbet Elias faz um estudo clássico sobre as atitudes externas ao corpo e relembra comportamento de caráter social e cultural dos indivíduos. O corpo vai sendo cercado pela idéia de civilidade e as suas manifestações ganham os espaços mais privativos e são nomeados de bons modos ou bons costumes fazendo parte dos meios sociais considerados “nobres”. No ano de 1941, David Efron escreve *Gesture, race and culture*, no qual constrói um estudo comparativo da gestualidade entre descendentes de duas populações distintas e descobre diferenças sensíveis que vão marcar as pesquisas sobre movimentos corporais nas interações. Ao mesmo tempo, etnólogos fazem cotejos em outras sociedades e provocam a crítica em relação às maneiras de agir nas sociedades ocidentais. Boas, Malinowski, Lévi-Strauss entre outros demonstram ritos e imaginários sociais que dão enorme contribuição na inserção da corporeidade dentro do pensamento sociológico.

Os significados que emanam do corpo fundamentam as existências individuais e coletivas e são o elo entre o homem e o mundo. O semblante dos indivíduos são manifestações corpóreas capazes de demonstrar e esconder desejos, anseios, dúvidas e certezas. Através do corpo, que comunica, se pode perceber o que queremos e o que não queremos, buscamos e desprezamos, compreendemos e não conhecemos. Embora esse mesmo corpo possa ser também fonte de segredos guardados por de trás de máscaras e não demonstram sua *verdadeira* face por uma série de fatores. Um conjunto de relações sociais suportadas de referências culturais manifesta-se através dele: pelo corpo, dentro dos diversos

contextos sociais, produzimos aparentes sentidos de inserção e exclusão. Seja nos contextos da escola e do lar (especialmente na idade infantil - *socialização primária*), ou durante toda nossa vida, o processo de socialização da experiência corporal é contínuo. Por socialização primária Bonnewitz (2003) entende que, analisando as idéias de Bourdieu,

[...] a intensidade das aquisições varia de acordo com a idade. A socialização primária, ou da criança, é um processo de aprendizagem e adaptação onde às inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar são interiorizadas pelos indivíduos em razão de suas condições objetivas de existência que funcionam como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão. E como a criança está em processo de formação, nessa fase e contexto, mais fortemente são por ela interiorizadas as “maneiras” de viver em sociedade (p. 76).

Inseridos em grupos sociais estamos a cada dia, como indivíduos, moldando e sendo moldados, ao mesmo tempo sendo produtor e produto, de acordo com o contexto a que pertencemos (fazemos parte). É importante, para fins de reconhecimento, que sejamos, em relação às observações dos outros, significativamente atuantes no contexto do grupo ao qual pertencemos para que o conjunto de símbolos e características, próprios de cada contexto, evidencie-se aumentando não só a noção de pertencimento e continuidade como afastando a idéia de exclusão e/ou rejeição. Le Breton (2006) diz que “não há nada de natural no gesto ou na sensação” (p. 9). O gesto, nesse sentido, é forma de proporcionar alguma ligação com outra pessoa (produzido), e a sensação nada mais é que algo construído para que nos sintamos – socialmente – de alguma maneira.

Então, sendo produzidos e construídos em relação a contextos sociais, a composição do corpo não é natural e sim moldada em prol de interesses/desinteresses de caráter sócio-cultural. A exclusão e a inclusão em grupos sociais dependem da capacidade de moldarmo-nos de acordo com o modelo que vigora no contexto social onde o grupo está inserido. O fato de pertencermos, nos mantermos, ou desligarmo-nos dele está intimamente ligado à sociabilidade. Através do corpo pode-se manifestar sensações e sentimentos, e pela sociabilidade nos capacitamos para estar em constante adequação ao conjunto de regras dos grupos sociais ao mesmo tempo em que nossas ações sociais e seus sentidos correlatos acionam as dinâmicas dessas mesmas regras. Assim, regras constituem e são constituídas pelo contexto, e as ações sociais, da mesma forma, elaboram e são elaboradas pelo conjunto das relações sociais. Sem que estejamos sociabilizados, não existe reciprocidade nas relações, em torno do contexto social.

Sociabilidade, portanto, refere-se ao conjunto de estruturas e regras sociais. Desde o período da infância recebemos as regras sociais como forma de podermos atuar ou nos capacitarmos a atuar no mundo social. As conotações de estruturas familiares (membros e hierarquias), comportamentos sociais (valores, atitudes), formas de reações, valorizações, punições, obstáculos que compõem as relações sociais nos conduzem para as relações sociais mais amplas (mundo público). Sociabilidade consiste na estrutura de códigos e regras mais amplos que referenciam a vida social.

A relação entre a sociologia do corpo e a sociabilidade está justamente no corpo como fenômeno social chave para manifestação ou ocultação de nossos desejos, sentidos e referências das práticas sociais. Mas somente quando outras pessoas estão conectadas através das relações sociais é que ocorre o que Simmel (2006) chama de sociabilidade.

Le Breton (2006) propõe, portanto, alguns marcos da reflexão sociológica do corpo segundo os quais primeiramente, mesmo não sendo esquecido o corpo continua secundário nas análises e, em seguida, uma sociologia que o autor chama de pontilhada, pela qual fica evidenciada grande quantidade de dados importantes para se fazer inventário dos usos sociais do corpo. Finalmente, o autor se preocupa em criar o que chama de “sociologia do corpo” propriamente dita determinando com maior clareza seu objeto (corpo) e os procedimentos epistemológicos para analisá-lo sociologicamente.

Destaca que não se pode separar o homem do corpo, como constantemente, de modo geral, faz a medicina, e que existe um caráter ambíguo na idéia de corpo. Isto não é adequado ou mesmo não é possível para essa sociologia que propõe pensar o corpo somente como objeto sem considerar o indivíduo e suas manifestações histórico-culturais. Ressalta que para se pensar o corpo é necessário toda uma análise criteriosa dos efeitos sociais sobre sua constituição. O questionamento sobre o corpo requer uma elucidação do objeto de análise e a elucidação daquilo que se entende por esse objeto. Diz ele:

O próprio corpo não estaria envolvido no véu das representações? O corpo não é uma natureza. Ele nem sequer existe. Nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres. Não se vê corpos. Nessas condições o corpo corre o risco de nem mesmo ser um universal. E a sociologia não pode tomar um termo como se apresenta na doxa para fazer dele um princípio de análise sem antes apreender sua genealogia, sem elucidar os imaginários sociais que lhe dão nome e agem sobre ele, e isso não só em suas conotações (a coleta dos fatos analisados é rica nesse domínio), mas também na denotação raramente questionada (LE BRETON, *idem*, p. 24).

O corpo objeto, no entanto, é parte das tradições teórico-prática da concepção médica. Basta que para isso analisemos a necessidade de separação criada por essa disciplina na relação corpo e indivíduo. Não se admite do médico, de maneira geral, uma relação com a pessoa (corpo e indivíduo), senão a idéia de que se está lidando com o corpo (objeto). O tratamento de doenças, por exemplo, segue condutas padronizadas e desconsidera, muitas vezes, o caráter social dos “problemas”. Na mesa de cirurgia, o campo (exposto por um buraco no pano que cobre o paciente) mostra ao médico somente o objeto da incisão. Não se opera o paciente (cultural e histórico) e sim o fígado, o coração, o pulmão (objetos). Mas não nos cabe discutir a validade ou a conduta da disciplina médica, senão fazer uma análise crítica segundo a teoria sociológica contemporânea.

O corpo, portanto, se nos apresenta como efeito da elaboração social e cultural. Cabe, em especial à sociologia, compreender o corpo como constituição simbólica e destacar as representações e os imaginários que o caracteriza socialmente, além dos desempenhos e os limites que aparecem como infinitamente variáveis sociais. Ocorre que nas sociedades o corpo é elemento de ligação e exclusão dos grupos sociais. Em sociedades individualizadas o corpo pode tanto ser elemento que interrompe e marca os limites da pessoa como fonte de uma imensa gama de abertura de possibilidades. Desse modo, a presença do indivíduo, que ao mesmo tempo é definida pelo seu corpo, é também incorporada de máscaras capazes de transformá-lo de acordo com que é exigido no processo de socialização. Nas sociedades ocidentais emerge o isolamento do corpo e aparece uma trama social na qual indivíduos são separados dos outros e de si mesmos. Na modernidade o corpo é, segundo as próprias palavras de Le Breton, “o resultado do recuo das tradições populares e o advento do individualismo ocidental e traduz o aprisionamento do homem sobre si mesmo” (2006, p. 31). Não se pode esquecer, no entanto, que isto é também expressão social do corpo. As manifestações corpóreas dão-se de muitas formas e estão contidas em vários contextos sociais. Cabe ao sociólogo captar também as contrariedades que se escondem por detrás da aparente imagem do corpo em seus diferentes estratos sociais. A encapsulação característica do processo de individualização é também manifestação desse corpo, logo também, objeto da análise da sociologia do corpo. Para Le Breton (*idem*), é importante identificar a “natureza” do corpo, cujas lógicas sociais e culturais se pretende questionar.

O fato de o corpo ser uma construção social e cultural o torna matéria do símbolo, não uma fatalidade. Não se trata de algo que homem possa assumir sem conseqüências (nas

relações sociais), mas de utilizar a formação da corporeidade como maneira de inserção nos grupos. É notável a influência dos meios no corpo (pessoas, televisão, *outdoors*, rádio, etc.), mas é possível também observar que o corpo - no sentido de sua sociologia - é adaptável e permite ao indivíduo interagir e bloquear-se no seio do grupo e perante o sujeito. As marcas sociais que acreditamos ser definitivas e constantes são certamente as que vão exercer maior influência no processo de convivência, mas a vasta gama de oportunidades - característica marcante da era da individualização - que diferem daquelas até então conhecidas e colocadas em prática, são também possibilidades em se tratando de corporeidade. As tendências sociais e as expectativas são determinantes para formação dos indivíduos e estão entrelaçadas a estatutos e morais socialmente formadas que se desenvolvem, à medida em que os sujeitos cumprem os papéis para que são designados, inclusive transformando esses papéis, algumas vezes, por suas atividades. Não se trata, no entanto, de algo mecânico que é realizado inconscientemente, mas de fortes influências que se aproximam da moda, dos (das) modelos, dos padrões mais aceitos socialmente.

O corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo. No interior do corpo são as possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem. Aos órgãos e às funções do corpo humano são atribuídos representações e valores diferentes de uma sociedade para outra (LE BRETON, 2006, p. 70).

Dentro do espaço das academias de ginástica encontram-se indivíduos com objetivos parecidos. A rigor, trabalha-se o corpo para melhorá-lo em termos de requisitos socialmente dispostos, e a própria instituição encarrega-se de deixar isso claro. Como se verá no início do capítulo referente à análise de dados onde uma descrição do espaço físico da academia mostrará ao leitor o quão significativo pode ser ao indivíduo, em termos de composição de relações sociais, a formação propriamente de âmbito social do corpo: ficar bonito, melhorar a visibilidade incidente sobre seu corpo, produzir condições de melhoria de auto-estima, etc.

Para se tratar dos problemas biológicos do corpo deve-se recorrer à medicina (embora esta seja uma referência social da modernidade), mas para se tratar do corpo em termos de suas sociabilidades, devemos nos exercitar e o “templo” próprio para isto é a academia ou espaços reservados para tal fim. Por todos os lados, na maioria dos casos, espelhos cercam a arena onde se exercita o corpo. Seja para “cuidar” da postura durante o exercício ou unicamente para alimentar o desejo da mudança ou a satisfação do já mudado, se

permanece todo tempo controlado, auto-visível.

Um controle que provém ao mesmo tempo da imagem estampada em frente ao indivíduo (a dele mesmo) ou do desejo fundamentado não só no sujeito esteticamente *perfeito* da televisão, mas também na possibilidade de socialização fora desse contexto, no dia-a-dia. Isso porque milhares de anúncios de empregos vêm com ressalvas de “é necessário ter boa aparência”, “exige-se foto”, entre outras. Os padrões socialmente aceitos (comenta-se: nossa! Veja o corpo da outra pessoa; ele (ela) deve “malhar” muito!) são quase sempre difíceis de ser atingidos, não porque o biológico não seja capaz de atingir certos estágios, porém, não é o biológico que determina o social senão o social que se sobrepõe ao biológico: cor dos olhos, técnicas corporais e arranjos de cabelos são valores sociais sobre o corpo e não uma determinação biológica sobre a sociedade. A noção social construída, nesse aspecto, é mais forte que a biológica (decisiva). Fundamenta a busca constante e o empenho em aproximar-se daquilo que se considera bom, ou ideal. No campo da academia, para seguir Bourdieu (2001), não atingir essa meta configura-se como não alcançar determinados recursos de capital ou perder capital simbólico na luta pela distinção através da amálgama social que envolve o corpo.

No ginásio grego, já era assim. Conforme Goldhill (2007), os ginásios gregos eram povoados de homens, que acompanhados pelos seus pupilos, empenhavam-se em parecer-se com as estátuas perfeitas esculpidas nas cidades gregas. A relação entre os homens era também baseada no respeito adquirido através do corpo físico. Não raramente, os que não se dedicavam nessas atividades, eram abertamente criticados nas ruas e nas reuniões. A importância do corpo nas relações sociais, seja para inserção ou exclusão dentro dos grupos, já era decisiva quando não fundamental para os indivíduos. A idéia de vitalidade, vigor e fervor acompanhava os corpos dentro de ginásios onde admirar os corpos e alimentar a idéia de beldade e exibição era fato constante. A preocupação, o desejo, e a exibição eram tópicos de conversação relacionados com exercícios e cuidados com o corpo (*idem*, p. 22). A expectativa de exibição do corpo, naquele contexto nu, permanece ainda hoje por detrás das regatas, das calças e *shorts* curtos e colados ao corpo e dos *tops*. A importância do “cuidado com o corpo” permanece ainda hoje associada à facilidade ou dificuldade na formação de relações sociais e fortemente ligada à questão da “forma física”.

O corpo não se constitui como um aparato político para a *polis* (melhorar o corpo para a participação na vida política da cidade, um corpo constituído por orientação da *polis*

como para Sócrates) mas um corpo para a trajetória de conquistas de capitais simbólicos em favor de sua aceitação em grupos sociais e pela condição de destaque ou de reconhecimento nestas relações. Corpo tornou-se menos político para a *polis* e firmou-se como aspecto de “como vou a determinado lugar com este corpo?”. Goldhill, 2007, relata o emblemático testemunho de Xenofonte a respeito da repreensão que Sócrates fez a um jovem, de condição física precária, mas que não se importava com ela.

“Você tem o corpo de alguém que simplesmente não está envolvido em questões públicas. Você deveria cuidar de seu corpo como um atleta olímpico. Em nenhuma atividade você será prejudicado pelo fato de ter um corpo melhor. Você tem de cuidar de seu corpo” (p. 27).

Vê-se claramente que para Sócrates a flacidez ou a gordura de alguém era uma questão política. Em contexto de individualização exercita-se a repreensão sobre os corpos descuidados, simplesmente, excluindo-os das oportunidades de inserção social reservadas preferentemente aos de “boa aparência”. No extremo, existem leis que protegem os portadores de necessidades especiais reservando-lhes vagas no mercado de trabalho. O Estado manipula esse fato para perpetuar a sua relação paternalista com a sociedade, mas que pouco faz, ou é omissa na implementação de políticas públicas de equalização social que possibilitariam mais amplamente às pessoas se desenvolverem segundo padrões desejáveis.

2.2 A SOCIABILIDADE A PARTIR DAS IDÉIAS DE GEORG SIMMEL

Antes de relacionarmos os conceitos de corpo e sociabilidade é necessário aprofundarmos a noção de Simmel (2006) de sociabilidade. Após compreensão do conceito passaremos para a relação da sociabilidade com o corpo em contexto de individualização. Dessa forma pretendemos utilizar os conceitos de corpo e sociabilidade para elucidar um dos pontos fundamentais desse estudo que consiste em saber quais as referências formais ou puras dos praticantes de academia (suas noções, seus saberes) em relação ao corpo e como (se ocorre) desenha-se a sociação (arranjos ou regimes para a prática social) através (em consequência de) dessa noção no contexto de individualização em que vivem.

Para Simmel (*idem*) a sociedade significa interação entre indivíduos e se dá porque surge a partir da busca de finalidades (em diferentes ambientes). Instintos, impulsos,

objetivos, defesa, entre outras coisas, fazem com que o indivíduo estabeleça relação de convívio, seja a partir de si mesmo, do outro, contra outro ou junto a outro desempenhando assim uma correlação constante. Em certa medida, isolar-se, fenômeno crescente na era da individualização – causado, entre outras coisas, por problemas relacionados à depressão, por exemplo – pode ocorrer em consequência das relações sociais. Significa, portanto, que em determinado ponto, as trocas exercidas pelos indivíduos no meio social (sua correlação) e as noções próprias sobre fenômenos sociais podem levar o indivíduo a defrontar-se com problemas socialmente causados. Desse modo, além de exercer efeitos próprios em outras pessoas, delas também sofre efeitos, numa constante interação. Essa interação entre indivíduos e suas finalidades formam o que Simmel (2006) chama de unidade e sociedade.

Defino assim, simultaneamente, como conteúdo e matéria da sociação, tudo o que existe nos indivíduos e lugares concretos de toda realidade histórica como impulso, interesse, finalidade, tendência, condicionamento psíquico e movimento nos indivíduos – tudo que está presente nele de modo a engendrar ou mediatizar os efeitos sobre os outros, ou a receber esses efeitos dos outros (p. 60).

Os fatos sociais que preenchem a vida são, então, as motivações (também desmotivações) que a impulsionam. O amor e a fome, o trabalho e a religiosidade, entre outras coisas, não são por si só sociais. Somente o são quando transformam a ação isolada de indivíduos em maneiras de estar com os outros e/ou ser para outros (interação). Se dando de inúmeras maneiras, a interação dos indivíduos – movidos pelos seus interesses (e influências sofridas transformadas em interesses ou saídas para seus problemas) – se desenvolve quando são realizados por uma unidade (um grupo). Essa reunião dos interesses, para Simmel (*idem*), forma a base da sociedade humana. Significa dizer que o processo de internalização ou incorporação de idéias e possibilidades que promovem a interação dos indivíduos está baseado na sociabilidade, e que, a concretização dessa está ligada à sociação.

Enquanto a sociabilidade constitui-se como referências a serem tomadas nas relações sociais, a sociação responde às dinâmicas das ações sociais. De todo modo, as condições estruturais (sociabilidade) e as condições de interações sociais elaboradas em arranjos ou regime para a promoção da prática social (sociação), em virtude das interações que mantêm, sofrem retro-influências constantes; cada qual atua sobre a outra de modo que a relação entre elas é que se torna um fenômeno muito importante de investigação sociológica.

São fatores de sociação apenas quando transformam a mera agregação

isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação. A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses (...) se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam (e que) formam a base da sociedade humana (SIMMEL, *idem*, p. 60-61).

Sociação, portanto, define as condições de interação ou as organizações para as práticas sociais. Por exemplo, é necessário assumir saberes sobre o corpo para então atuar sobre o corpo. O que chamamos, neste trabalho, por várias vezes de saberes implica exatamente no que é denominado aqui de sociação. A sociação capacita e justifica, em conteúdos, as ações sociais a existirem em ato.

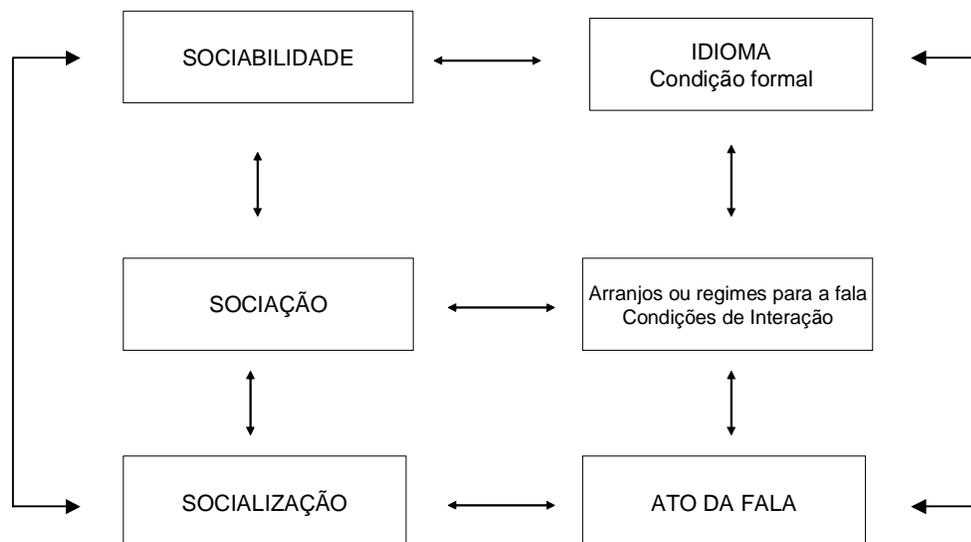
Baseados nas condições e nas necessidades práticas, os indivíduos, através de sua inteligência, criatividade, afetividade, elaboram material (sociação) que tomam do mundo (sociabilidade). Ou seja, nesse ponto, é que “pegamos” do mundo em que vivemos aquilo que nos é fundamental para prosseguir vivendo – embora não tenhamos escolha em algumas vezes – e colocamos em prática *nossas* ações sociais. E damos a esse material (a isso que selecionamos como importante ou mesmo escolhemos por falta de opções) significado e forma própria, e essa forma que damos a ele tem sentido e se concretiza como elemento de nosso viver.

Assim, nesta reflexão, as possibilidades históricas das relações sociais estão inscritas, analiticamente, em três momentos:

- (a) Sociabilidade é um tipo ideal, um sistema puro, conjunto de artefatos sociais que todos conhecem como condição primária para se viver em sociedade. A sociabilidade responde a questões mais genéricas ou condições mais puras de interação: assumir um tipo ideal de corpo, um modelo de corpo, o que deve ser o corpo como fenômeno ideal;
- (b) Sociação consiste nos arranjos possíveis que podemos elaborar para atuar em determinados meios sociais ou contextos sociais. Responde às articulações para que possamos atuar. Ir a determinados lugares implica em organizar determinados regimes para as práticas. Ir ao *shopping*, à academia, à universidade como aluno ou professor, à praia, etc. necessita que possamos assumir modelos específicos para estas atividades específicas.
- (c) Socialização, por fim, diz respeito ao ato social em manifestação, à

concretização da idéia originada na sociabilidade e filtrada na sociação. É o fazer social. Por exemplo, o ato de caminhar ou de desfilar numa passarela, ou as intervenções de aumento e diminuição de partes do corpo, ou o ato da execução do exercício para produzir efeitos específicos no corpo ou em parte do corpo.

Ainda como esforço de compreensão, apresentamos um quadro sobre os conceitos aqui destacados com a ilustração de idioma e da fala para representar cada momento da formação social:



Em todos os casos, pelas nossas práticas, construímos o social e somos construídos pelo social e sempre ao mesmo tempo. O que pegamos do mundo tem importância, quando na medida do possível colocamos nisso o que desejamos ou julgamos menos prejudicial a nós mesmos, da forma como queremos que seja. O fato é que mesmo as coisas que não temos interesse, mas são fundamentais no processo de socialização, tornam-se importantes para nossa sociação e por isso são incorporadas em nossas formações discursivas (saberes) e na nossa forma de interagir (fazeres). A partir de nossas necessidades e das imposições e éticas socialmente construídas ao longo do processo de desenvolvimento – incorporadas desde a idade infantil no processo de aprendizagem – assumimos as “regras do jogo” e somos referenciados por elas (sociabilidade). Quando interagimos socialmente, e por

diversos motivos contidos no “caderno de regras” (sociação) elaborado por nós mesmos e pela sociedade, “jogamos o jogo” propriamente dito e ocorre a socialização.

Quando um grupo de pessoas se encontra há ali um resultado de desejos e necessidades específicas. Mas além dos conteúdos específicos existe também um sentimento de satisfação (nem sempre) por estar junto (socializado). Existe um valor fundamental que é a formação da sociedade enquanto tal que se dá nem sempre pela satisfação, mas também, pela necessidade em contexto de individualização.

Assim como aquilo que se pode chamar de impulso artístico retira as formas da totalidade das coisas que lhe aparecem, configurando-as em uma imagem específica e correspondente a esse impulso, o “impulso da sociabilidade”, em sua pura efetividade, se desvencilha das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de “sociabilidade” (SIMMEL, 2006, p. 64).

Por exemplo, nas academias pessoas admiram outras pela exuberante forma física que apresentam (chamam atenção por terem atingido o que se pode denominar como nível de distinção através da forma física apresentada ou “corpo ideal”). A aproximação e a interação com essas (por parte do indivíduo que não se distingue pelos capitais dispostos no corpo como elemento distintivo), pode gerar nele a sensação de encontro da maneira mais fácil de atingir o mesmo sucesso ou simplesmente a impressão em outras pessoas que existe ali uma ligação de laços de amizade. Tenta-se com isso, além de acumular o que Bourdieu (2001) chama de capital social, demonstrar que no contexto da academia (e somente ali) há uma relação de satisfação em decorrência dessa interação. O indivíduo que atingiu o “corpo ideal” “forma súditos” e seguidores, mostrando que realmente tem a “fórmula” para a “perfeição” e o “imperfeito” mostra que ao menos está no “caminho certo”. É possível que esse coleguismo, da pessoa “perfeita” com a “imperfeita” não ganhe continuidade fora do contexto da academia. Pois em outro local, os interesses de ambas as partes divergem de tal maneira que não possibilitaria o “esquecimento” das diferenças, que acreditam ter (o fazem acreditar), por parte de ambos.

Existem máscaras que cobrem os indivíduos em determinados momentos, e a possibilidade da continuidade do encontro (da reunião), está firmemente ligada àquilo que a sociabilidade permite que ocorra. Há uma troca entre o acontecimento interação (socialização), que simultaneamente, consulta o “código de conduta” ou o “como vou agir” (sociação) e propõe novas possibilidades calcadas nos ganhos e interesses de cada sujeito. O

grupo de indivíduos vive uma ambigüidade que ao mesmo tempo nega opções a si mesmos e aos outros e, por outro, permite e faz de conta que tudo caminha bem e que é assim mesmo que se deve fazer.¹⁹

Simmel (*idem*) entende ainda que existe uma “democracia da sociabilidade”. Nesse sentido, dependendo do desejo do indivíduo, existe um mundo ideal no qual a felicidade dos outros é a dele. Não se encontra satisfação em sentimentos opostos de outros indivíduos (todos “jogam” no mesmo time). Trata-se de um mundo artificial, no qual os sujeitos não desejam que haja desequilíbrio ou tensão (aparentemente). Desejam, sim, produzir entre eles, a interação pura (SIMMEL, 2006). A interação entre iguais, é o caso mais puro de sociação, pois pela sua natureza precisa criar indivíduos que se desapeguem de seus conteúdos mais próprios, modificando seu significado interno e externo. Assim se tornam sociavelmente iguais. Um jogo de faz de conta no qual se acredita que todos são iguais e ao mesmo tempo acredita-se que todos agem com sinceridade e honra.

Todo cuidado é pouco para se compreender o que o autor chama de igualdade ou democracia nas relações sociais. Cabe-nos alertar que o sentido que ele chama de puro é permeado de interesses múltiplos que adentram, até mesmo, o campo maquiavélico, especialmente em contexto de individualização, que é o cenário onde ocorre a pesquisa aqui proposta.

A conversa no meio social baseia-se no interesse da própria sociabilidade. Seu conteúdo e forma são diretamente ligados àquilo que interessa ao grupo e participar significa doar-se a ele. A “ética sociável” mantém o equilíbrio da conversa do locutor individual subjetivo com o conteúdo objetivo em prol da pureza da sociabilidade. Mas na medida em que torna-se um jogo, o processo de sociabilidade corre o risco de se tornar superficial. Por isso, a ética que envolve a sociação é composta de normas e regras imaginárias em prol do bem comum e do interesse grupal. A possibilidade da superficialidade na constituição do processo de sociabilidade, cedo ou tarde, revela a interrupção e a quebra desse processo e, a seguir, o início de um novo. Assim, os interesses que poderíamos chamar de íntimos ou pessoais, não podem fazer parte, ao menos de forma direta e explícita, da conversa em prol da “ética sociável”: cada um não pode dizer tudo o que deseja, não pode atuar somente a partir de si

¹⁹ Por exemplo, as trocas sociais e a colocação em prática das sociações nos dão aprendizados sociais. Assim, quando falamos “Oi” como forma de expressar algo próximo de “não estou para conversa”, e se esta performance se evidencia eficaz para demonstrar nosso “estado emocional” então obtemos um aprendizado ou um ganho para continuar a atuar desta maneira quando se fizer necessário. Tal se destaca para os dois interlocutores.

mesmo.²⁰ Da mesma forma, não podemos usar o corpo como desejamos individualmente. O corpo deve expressar suas formas sociáveis diante de “ética sociável”, inclusive quando nos referimos às práticas sociais mais íntimas. Intimidade revela-se como sociabilidade (categoria ideal) que se faz por meio de arranjos específicos (sociação) e é praticado segundo estas orientações (socialização).

²⁰ Inclusive, se apresentarmos um exemplo de reuniões formais de alunos, quando querem reivindicar interesses, ou de professores, quando de reuniões de colegiado, por exemplo, é atuar quebrando a “ética sociável”.

III ANÁLISE DE DADOS

[...] Em qualquer lugar do planeta, na padaria, no posto de gasolina, na banca de revistas, você pode comer salgadinhos, bala, chocolate, tudo que engorda.

Ninguém nunca viu um pacote de cenoura picada, pepino em rodelinha, talos de salsão na boca de caixa da padaria.

Porém, não é só a ingestão da comida que é programada para **deixar você obeso e infeliz**: Todo o marketing da indústria do emagrecimento foi construído para mentir e levar seu dinheirinho. As modelos que vendem aparelhos de ginástica, fazem lipo, botam silicone e depois vão dizer que foi aquela cadeirinha super-duper-lipo-sculpt, em quatro parcelinhas de xis e noventa e nove, que fez com que ela ficasse com aquele corpinho.

O apresentador toma remédio pra emagrecer, faz uma plástica e depois vende diet-sucos pra **enganar** você. **Quem nasceu magro, seja magro de ruim ou magro de fome, está na vantagem**. Vai economizar muito dinheiro, **tempo e sanidade mental**. Quem tem **tendência a sair rolando**, sabe como é o momento de **enfrentar a balança** do banheiro. Primeiro você tira a roupa, o sapato, a meia, e sobe na balança (eu tiro também a piranha do cabelo e os óculos de grau, mas daí, na hora de ver o peso sem os óculos, sempre acho que estou vendo errado.

Não acredito **naqueles quilos todos**. [...]

3.1 METODOLOGIA DE COLETA DE DADOS

Quando falamos de entrevistado, aluno ou praticante de academia, estamos a nos referir ao gênero masculino e feminino indistintamente e como forma de garantia de anonimato.

As entrevistas foram realizadas com alunos da academia de ginástica em ambiente da prática de exercícios físicos entre os meses julho e agosto de 2007. Todas as entrevistas se constituíram no momento antecedente a essas práticas e duraram em torno de 30 minutos cada uma. O fato de as entrevistas se realizarem nesse momento ocorreu porque todos os alunos nos afirmaram (em uma primeira abordagem) que após os exercícios saíam com pressa da academia (suados) ou para tomar banho ali mesmo e então ir embora. O procedimento de abordagem dava-se antes do dia da entrevista, quando era levantada a possibilidade (de acordo com a disponibilidade de cada um) de um encontro posterior para realização da mesma (na própria academia como relatado a seguir). Foram realizadas 8 entrevistas.

Neste contexto surgiu um primeiro fato que necessitou ser problematizado: as categorias de “aluno” e de “professor”. Aluno, na academia, segue referências de auto-realização, auto-disciplina, mediado pelo instrutor (professor) ao qual cabe reconhecer e distinguir os aparelhos e o que estes ofertam para as práticas de exercícios, o tempo de exercício, a alocação de exercícios (qual realizar primeiro, e os subsequentes), cuidados com postura e velocidade de execução e carga. Esse cuidado com o aluno é disponibilizado pela academia permanentemente, mas isto - como veremos mais a frente - se concentra nos primeiros dias já que o aluno ainda necessita gravar e reconhecer quais exercícios vão fazer parte do treino para o qual está ali. Por outro lado o aluno reconhece que a prática de exercício é algo de importância extrema não só para sua saúde ou estética, mas como veremos no decorrer desse capítulo, fator decisivo nas relações sociais. Isso faz com seja também, observador atento e crítico, da sua própria prática física (auto-disciplina).

Do ponto de vista metodológico as entrevistas ou o que as pessoas relatam não podem ser consideradas como a análise ou conteúdo que corresponda à análise do fenômeno investigado nas ciências sociais. As entrevistas constituem-se como parte do fenômeno, ou como parte das possibilidades de existência do que aqui se estuda. Como as “falas” ou as “práticas discursivas” são parte do fenômeno que orientam as práticas ou o fazer do corpo enquanto elemento social, então, as práticas discursivas conotam a referência ao fazer, uma espécie de saber-fazer. Essas práticas discursivas são fenômenos tão significativos para a pesquisa científica, na área de ciências sociais, que investigá-las implica em atuar sobre o saber fazer relativo aos fenômenos de estudo. Os pressupostos das constituições das relações sociais referem-se ao [...]

[...] princípio da não-consciência [que] impõe que seja construído o sistema das relações objetivas nas quais os indivíduos se encontram inseridos e que se exprimem mais adequadamente na economia ou morfologia dos grupos do que nas opiniões e intenções declaradas dos sujeitos. Não é a descrição das atitudes, opiniões e aspirações individuais que tem a possibilidade de proporcionar o princípio explicativo do funcionamento de uma organização, mas a apreensão da lógica objetiva da organização é que conduz ao princípio capaz de explicar, por acréscimo, as atitudes, opiniões e aspirações. Esse objetivismo provisório que é a condição da apreensão da verdade objetiva dos sujeitos é também a condição da compreensão completa da relação vivida que os sujeitos mantêm com sua verdade objetivada em um sistema de relações objetivas (BOURDIEU, 2004, p. 29).

Para a realização das entrevistas com os frequentadores da academia foi utilizado um roteiro pré-determinado cujos temas principais versavam sobre motivos de práticas de exercícios físicos na academia, discursividade sobre saúde, corpo e relações sociais, corpo e

sociabilidade, corpo e sociação. Utilizamos, para tanto, a seguinte técnica: escolhidos aleatoriamente, no momento da sua chegada (aluno) no espaço da prática de musculação, eram abordados e perguntados sobre a possibilidade e disponibilidade para uma entrevista sobre o tema corpo. Tentando minimizar o estranhamento por parte deles, em relação a nossa interferência, essa primeira abordagem era feita com “vestes de academia” (bermuda, camiseta e tênis) e mais a frente o leitor poderá analisar que essa medida foi essencial. As abordagens foram feitas nos períodos matutino e vespertino, pois o horário noturno usualmente é utilizado por pessoas que não disponibilizam de tempo ao longo do dia e tem na academia momento único de lazer ou descontração e cuidado próprio. O que nos levou a optar pelos horários diurnos. Além do que, devido ao grande número de pessoas, a música alta e agitação, seriam empecilhos na comunicação (é entre 18h e 20h que a academia recebe a maior parte de alunos simultaneamente) entre entrevistador e entrevistado.

Essa maneira da abordagem foi introduzida, logo após percebermos por dedução e numa conversa com funcionário da academia, que a interferência não obteria resultados satisfatórios se fosse feita em momentos da prática dos exercícios propriamente ditos. Certamente o fato de sentirem-se desconfortáveis e até incomodados (quando na prática) seria um empecilho à coleta dos dados, mais que isso, a impediria. Por isso foi necessário criar esse momento e fazê-lo de modo menos “estranho” possível. Até porque, uma pessoa na academia, usou o termo *don't touch me* (não me toque) para descrever a relação entre frequentadores daquele ambiente com pessoas de fora (na análise de dados constataríamos que não se tratava apenas de uma “não relação” específica com pessoas externas e nem relativa somente a contato físico; veremos mais a frente).

Escolhemos agendar os encontros (nessa primeira abordagem aos alunos), para não atrapalhar seus exercícios, embora isso os obrigasse a comprometer-se com novo contato. De maneira mais rápida possível, colocados ao lado das esteiras onde estavam (em fase de aquecimento muscular), intervimos. Em princípio imaginamos que o novo encontro seria mais difícil justamente por causa dessa necessidade de se comprometerem, mas no decorrer do processo da coleta de dados, constatamos que isso era algo significativamente interessante a eles. Ocorre que nesse primeiro contato, havia uma apresentação pessoal, sobre o tema da pesquisa e explicação de como se daria a coleta de dados (no segundo encontro). O fato de aceitarem o novo encontro mostrava não só a disponibilidade na relação deles com o pesquisador, mas também que o tema interessava, e isso foi extremamente relevante (inclusive para estratégia utilizada na coleta de dados). Mesmo quando descobriam (pois lhes era exposto), ainda durante a primeira abordagem, que o segundo encontro teria duração

média de 25 a 30 minutos, e que isso implicaria em chegar antes a academia ou abrir mão de parte do tempo destinado a estar ali, o número de pessoas que negaram participar da pesquisa foi quase inexistente (duas em 10 abordagens).

O local escolhido para realização das entrevistas, previamente pensado, era um ambiente quase “isolado”. O local, dentro da academia, possuía uma mesa e cadeiras onde não havia contato desses alunos (entrevistados) com outros frequentadores em ação (praticando exercícios). Ali, o contato com outras pessoas era extremamente restrito, pois ocorria somente quando essas passavam ao entrar na academia. Interessante que horas “cheias” (ex: 9h, 10h, 11h) ou quebradas de 30 em 30 minutos (9:30, 10:30, 11:30) são momentos em que mais chegam ou saem pessoas da academia. O melhor seria então, devido a necessidade de menor fluxo de pessoas em movimento (menos interferência), marcar esse segundo encontro para as 9:10, 10:10, por exemplo. Grande parte das pessoas administra seu tempo pela hora “cheia”, seus compromissos, são regulados pelo relógio. E esse importante detalhe foi captado ainda nos primeiros dias de coleta de dados (especificamente na segunda entrevista), pois um atraso de entrevistado, (estava marcado para as 9:30 e chegou as 9:40) mostrou-nos a diferença de interferência em relação a horas “cheias”. As entrevistas que seguiram, a partir de então, foram marcadas para horários “quebrados”. Ressaltamos assim que detalhes e fatos novos podem auxiliar ou atrapalhar o processo de investigação, mas o pesquisador precisa estar preparado para tanto, bem como atento para detalhes importantes e decisivos como se mostrou ser o acima explicitado.

O local da entrevista e o momento em que acontecia eram pontos estratégicos para a “não interferência”. No local onde estavam as cadeiras e a mesa destinadas à acomodação durante a entrevista uma parede quase as escondiam e pelo fato da academia ser ampla e com passagens largas, as pessoas pouco (ou nunca) correm riscos de se esbarrar ou ter de desviar uma das outras. Ali, menos ainda. Com a escolha desse local, pretendíamos que os entrevistados ficassem o mais focados, possível, no tema da conversa e sofressem, menos influências do meio diretamente (seja através de imagens, falas ou abordagem por parte de outras pessoas).

As entrevistas eram feitas com um roteiro, mas, a conversa dava-se na forma de um diálogo informal sobre o assunto. Uma breve apresentação do tema e objetivos do encontro, bem como a demonstração de que os dados (nome) do entrevistado estavam protegidos por nosso comprometimento e garantia de sigilo, marcava o início da entrevista. O entrevistado era avisado também que poderia interromper a qualquer momento a conversa, e encerrar a entrevista. Com isso estávamos tentando mostrar que ele tinha liberdade de

interrupção e indiretamente reafirmando que o fato de ele estar ali era uma escolha dele, apesar de que o ato da realização deste “compromisso” poderia constranger essa atitude (novamente passamos a operar na relação sociabilidade e sociação, saber - fazer). Não tínhamos a intenção, por motivos metodológicos e de qualidade de entrevistas, de obrigar que a pessoa se submetesse a ficar em um local ou numa situação indesejados. Mas a desistência por parte dos entrevistados não ocorreu em nenhum momento, ao contrário, mostraram-se animados com a conversa, cabendo inclusive a nós, a interrupção.

Por causa da idéia de corpo (sobre si e outras pessoas), de certa forma poder induzir que falassem mais deles próprios do que de outros (afinal haviam sido escolhidos para falar de tal tema dentro do “templo do corpo”), preferimos não gravar as entrevistas. Penso que o gravador aumentaria as chances de um ou outro entrevistado insistir nessas questões ainda que não sendo as únicas pertinentes a pesquisa e aos interesses da coleta de dados. Além disso, em virtude de encontros únicos para entrevista a gravação poderia funcionar como um “palanque moral” na formação discursiva, ou seja, falar o que deve moralmente ser dito. Escolhi fazer anotações de palavras-chave, durante a entrevista, que me remetiam às frases, colocações e detalhes da conversa. Isto exigiu que em seguida ao encontro, fossem sistematizados os dados.

A questão da neutralidade e imparcialidade na pesquisa é algo extremamente intrigante já que para se excluir algumas interferências, se escolhem outras, imaginando que as respostas sejam as mais fiéis e espontâneas possíveis. Mas a coleta de dados nesse caso, foi pensada para que não se realizasse de maneira direta (com várias perguntas ordenadas), mas fundamentalmente com estímulos e na medida do possível, valorizando os pontos de vista de cada entrevistado, ainda que ligados a tópicos específicos pré-determinados. Mesmo que para isso tivéssemos que investir mais tempo (um risco que corremos) e em maior número de entrevistas (uma possibilidade). Algo que só não ocorreu devido ao chamado efeito bola de neve (quando as informações - respostas - sobre o tema pesquisado começam a repetir-se). Sobre isso, Quivy e Campenhoudt (2003) escreveram:

A entrevista centrada, mais conhecida pela sua denominação inglesa, *focused interview*, tem por objetivo analisar o impacto de um acontecimento ou de uma experiência precisa sobre aqueles que a eles assistiram ou que neles participaram; daí seu nome. O entrevistador não dispõe de perguntas preestabelecidas, como no inquérito por questionário, mas sim de uma lista de tópicos precisos relativos ao tema estudado. Ao longo da entrevista abordará necessariamente esses tópicos, mas de modo livremente escolhido no momento de acordo com o desenrolar da conversa (p. 193).

Escolhemos entrevistar alunos até que as justificativas e argumentações sobre o tema e itens de pesquisa se tornassem recorrentes, isto é, até que pudéssemos admitir que a diversidade das respostas estivesse suficientemente abordada. E para isso acontecer, entrevistamos 4 pessoas do sexo feminino e 4 do sexo masculino na faixa etária entre 18 e 40 anos. A igualdade no número de entrevistas e a faixa etária dos entrevistados deveram-se ao fato de a academia em questão ter distribuição muito parecidas em número de alunos por sexo e percentuais mais significativos em termos quantitativos relativo a essa faixa de idade. É salutar ressaltar, que os devidos cuidados foram tomados em relação à elaboração do método de coleta e análise de dados, mas que temos a consciência também dos limites impostos pelas condições que ultrapassam a compreensão epistemológica de base científica. Como alertam Quivy e Campenhoudt (2003):

As formulações do entrevistado estão sempre ligadas à relação específica que o liga ao investigador e este último só pode, portanto, interpretá-las validamente se as considerar como tais. A análise de uma entrevista deve, portanto, incluir uma elucidação daquilo que as perguntas do investigador, a relação de troca e o âmbito da entrevista induzem nas formulações do interlocutor. Considerar estes últimos independentemente de um contexto tão marcante seria revelar uma grande ingenuidade epistemológica (p. 195-196).

3.2 DESCRIÇÕES SOBRE A ACADEMIA COMO CONTEXTO DE REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

A seleção da academia onde realizamos nosso estudo se fez pela sua notoriedade na cidade e suas implicações em termos de capital simbólico que as pessoas que a integram passam a usar. Fazer a academia “A” ou a academia “B” implica em distinções e representações sociais valorativas perceptíveis.

A academia “X”, lócus de nossa pesquisa, apresenta espaços amplos suficientes para que pessoas não sejam obstáculos à passagem de outros (corredores de acesso e de deslocamento interno que suportam a passagem de até três pessoas sem dificuldades; distância entre aparelhos, ambiente para uso de computadores e acesso à internet), além de estacionamento integrado ao edifício (pago) e de espaço reservado para alunos iniciantes (opcional) com acompanhamento permanente de instrutores (que não são *personal trainer's*).

A quantidade de alunos na academia “X” se aproxima de 2.050, sendo que 47% do sexo masculino e 53% do sexo feminino. Isto corresponde, em princípio, que em virtude

da proporção de gênero aparenta-se que a preocupação sobre o corpo praticamente não pode ser distinguida por essa variável, porém, mesmo que em caráter especulativo podemos observar que as formas de preocupação sobre o corpo entre os gêneros masculino e feminino são distintas. Com relação aos serviços agregados, observa-se que a organização dos trabalhos nesta academia preocupou-se com muitos detalhes. Aos que se deslocam de automóvel, podem utilizar o estacionamento anexo ao prédio e isso é especialmente importante na cidade de Balneário Camboriú, pois não dispõe de muitos espaços para estacionamento. Além disso, neste ano (2007), boa parte desses espaços estão dentro de áreas demarcadas pela prefeitura através do sistema de controle de área de estacionamento por tempo (pago)²¹.

Ao procurar a academia com objetivo de tornar-se aluno dali, a pessoa é recebida por funcionárias que o acompanharão em uma visita pelos ambientes oferecidos pela empresa. A visita é acompanhada de comentários, feitos pela funcionária, sobre a amplitude física da academia e a *modernidade* (tecnologicamente apresentados como mais desenvolvidos) de seus equipamentos. Logo após esse passeio pelas dependências da academia, são apresentados planos, mensalidades, formas de trabalho e de cobrança financeira numa sala destinada especificamente para isso. Uma diferença entre a academia onde foram realizadas as entrevistas e as outras da cidade é que os planos incluem toda infra-estrutura sem distinção de preço (por ex: musculação, lutas, piscina). Em outras academias existe distinção de valores na escolha por outras modalidades que não a musculação. No entanto, os preços praticados na academia onde realizamos as entrevistas, são mais elevados.

Nas primeiras semanas que o novo aluno está na academia, é lhe oferecido acompanhamento especial (aceito pela maioria que é iniciante em academia). Num espaço reservado para *personal trainers* (uma sub-academia - espaço de distinção) o aluno tem o acompanhamento de um instrutor que o assiste de perto. Ocorre quase que uma adaptação desse aluno ao novo espaço, já que como veremos na análise das entrevistas, a academia não parece ser um espaço para qualquer pessoa despreparada para tal. Seria um constrangimento a

²¹ Considerando dados populacionais e área das cidades (IBGE, 2005) e quantidade de automóveis por município e em Santa Catarina (DETRAN/SC, 2005), observamos que: Balneário Camboriú apresenta uma taxa de 555,83 automóveis por Km², enquanto que Florianópolis e Santa Catarina registram 335,05 e 14,52 automóveis por km² respectivamente. Se cruzarmos população e frota de automóveis podemos observar que Balneário Camboriú ainda apresenta taxas significativas: 3,83 habitantes por automóvel enquanto que Florianópolis e Santa Catarina registram 2,80 e 4,24 habitantes por automóvel respectivamente. Veja-se a importância de uma organização de prestação de serviços como uma academia, oferecer área privativa de estacionamento em Balneário Camboriú especialmente no período de verão.

ela, colocar-se à frente dos outros alunos, sem ao menos ter a noção de quais aparelhos vai utilizar para sua prática. Parece-se muito com um calouro nos primeiros dias de aula.²²

Logo no ato da inscrição, o aluno é aconselhado a fazer o exame físico (serviço cobrado a parte e recomendado pela academia a cada 90 dias) que consiste em auxiliá-lo a determinar um treino adequado para seus objetivos e limites físicos. Um profissional de educação física realiza uma série de medidas e testes (perguntas pessoais) que vão determinar a construção de uma ficha (roteiro) que indica ao aluno em que seqüência e quais exercícios fazer. Uma máquina, semelhante as que encontramos nas portas de instituições que emitem fichas numéricas para ordenar o atendimento, vai possibilitar ao aluno tirar um extrato informativo dos exercícios a serem realizados a cada dia que chega na academia. Note-se que os primeiros parágrafos dessa descrição do espaço da academia e seus procedimentos mostram que as primeiras semanas do aluno novato (em geral) são acompanhadas mais de perto pelo instrutor. Com o passar do tempo e o “amadurecimento” do aluno, o extrato vai, de certa forma, isentar esse instrutor (auto-instrução). Apesar disto, existem vários instrutores pelo espaço da academia disponíveis ao atendimento das pessoas que ali estão em todo período de seu funcionamento (de segunda à sexta das 06h às 00h e sábados das 15h às 21h). Os aparatos encontrados nessa academia (sala especial, máquina de extrato, armários), possibilitam uma autonomia maior aos alunos, uma individualidade. Na recepção do espaço de musculação (localizado no segundo andar do prédio) pode-se encontrar um chaveiro enorme, para que cada qual, se necessário, deposite ali suas chaves. Os armários localizados próximos aos banheiros (no primeiro andar do prédio junto à piscina, recepção, lanchonete, salas de administração, loja e clínica de fisioterapia e estética) permitem ao aluno guardar seus pertences e trancá-los como medida de segurança própria e separação dos objetos de outras pessoas.

Ainda quanto à descrição da academia, é importante relatar que existem rampas de acesso entre os andares, onde se encontram espaços de publicidade e mostruários de lojas e *banners* de festas (algumas com fotos), que podem sugerir modelos de roupas a seus observadores e também modelos de pessoas em momentos de felicidade, ou seja, capitais sociais necessários. Espaços amplos, onde se tem a possibilidade de não manter muitas relações de proximidade com outras pessoas dividem-se com uma série de objetos, fotos e pessoas que sugerem ideais socialmente construídos e modelos a serem seguidos. Na parte

²² E essa idéia se confirma, na medida em que constatei em 2005 (quando conheci a academia), que esse processo era feito no próprio ambiente onde estavam os outros alunos (na forma de circuito). O fato de se estar num espaço destinado ao corpo e sequer saber por onde começar pode ser extremamente constrangedor para boa parte das pessoas que estão iniciando no ambiente da academia.

térrea, existem espaços para lojas que hoje são preenchidos por uma agência de viagens, loja de suplementos alimentares para praticantes de exercícios, loja de roupas, locadora de filmes, caixa eletrônico de banco e imobiliária.

No contexto da academia, o instrutor é um facilitador das informações já contidas nos instrumentos, pois, cada um dos equipamentos traz como parte que lhe integra etiquetas que mostram o corpo dividido em partes e destacam em vermelho a parte do corpo para qual se destina o exercício feito ali. Instrutores estão preparados para responder a demandas eventualmente apresentadas pelos alunos, mas não lhes caberia formar os alunos para as atividades. Esta “formação” está consubstanciada nas especificidades de exercícios dos aparelhos. Aparelhos instituem modelos de pensamentos e de práticas – porque você já reconhece as informações distintivas contidas neles – que não estão nos instrutores. Os alunos atualizam ou rememoram as informações, mas de maneira geral não debatem os modelos, são praticantes de um modelo. Então, quando um aluno passa a praticar as atividades de academia durante um período relativamente longo – um ano, mais ou menos – passa a dominar as informações mínimas necessárias para organizar e montar o conjunto das práticas (auto-instruir-se). Assim, o instrutor serve fundamentalmente para iniciantes e eventualmente para corrigir a postura corporal na execução dos exercícios ou sugerir velocidade de execução de exercícios e cargas, também para os já iniciados. “Usar” o instrutor sugere, simbolicamente e pragmaticamente, um recurso de iniciante. Distingue um aluno novato de um experiente. Parte dos instrutores (ajudantes) recebe essa designação porque são estudantes de educação física monitorados por professores formados na mesma área que também se fazem presentes nesse espaço constantemente.

Portanto, não existe a formação - em nenhuma academia de ginástica da cidade - no sentido de que se reconheça o corpo e suas partes relacionalmente, mas a informação que distingue músculos e que estão contidas nos aparelhos (e que não necessariamente é dada pelos instrutores). Sabe-se onde se localizam e como se denominam músculos mais importantes para musculação, mas reforçando o caráter informativo, se sabe qual atividade a ser praticada e as vezes, quando ainda se é inexperiente, não se reconhece em qual máquina praticar o exercício (daí a importância dos instrutores). Com relação a pessoas de idade muito superior à média dos praticantes de academia, ou, de outra maneira, no que diz respeito às pessoas consideradas idosas ou aqueles que necessitam de atividades por definição de tratamento diferenciado ficam (em parte dos casos) concentrados na piscina. Na academia em questão, o acesso à piscina é imediatamente próximo do acesso geral da academia (1º andar) e por isso, as pessoas que se dirigem à piscina não circulam, por assim dizer, no espaço de

musculação. Na musculação se concentra (na maior parte do tempo) número mais elevado de pessoas simultaneamente. O estudo aqui proposto se deu mais sobre praticantes com idade inferior a 40 anos e os alunos que possuem idade acima dessa faixa são aproximadamente 25% do total dos praticantes de atividades físicas.

3.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

3.3.1 SOCIABILIDADE: REGRAS SOCIAIS SOBRE CORPO/DO CORPO/NO CORPO

Ser “gordinho”, “estar acima do peso” ou denominação equivalente está circunscrito a métricas de externalidade do corpo. Por exemplo, as denominações de satisfação com o corpo estão contidas nos tamanhos de roupas. Roupas, especialmente calças, designam as referências sobre o corpo e no corpo. Se alguma calça não serve, significa que o corpo não está adequado aos padrões de aceitabilidade social. Assim, são as roupas que vestem o corpo e não os corpos que vestem as roupas. A condição social de distinção do corpo está, em boa medida, no número da calça que se veste. Enfim, podemos associar a idéia de que se você consegue vestir a calça de tamanho “x” você será aceito num determinado grupo porque não está acima do peso: duas descobertas.

Este saber sobre o corpo e no corpo, ao qual designamos in-corporação, destina também atividades ou práticas de regimes de diminuição de tamanho e adequação aos critérios sociais. O significado de corpo e seus sentidos práticos decorrentes, portanto, concretizam a sociabilidade de corpo e as condições de relações sociais em ato (socialização) mediadas ou referenciadas pelo corpo como fenômeno social. Também estes saberes conduzem práticas sociais muitas vezes perigosas do ponto de vista médico ou definição de conteúdos para designação de doenças como bulimia e anorexia²³. As referências que se

²³Segundo DSM-IV (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) a Anorexia Nervosa tem como características a recusa do indivíduo em manter um peso corporal na faixa normal mínima, um temor intenso de ganhar peso e uma perturbação significativa na percepção da forma ou tamanho do corpo. A auto-estima dos indivíduos com Anorexia Nervosa depende em alto grau de sua forma e peso corporais. A perda de peso é vista como uma conquista notável e como um sinal de extraordinária autodisciplina, ao passo que o ganho de peso é percebido como um inaceitável fracasso do autocontrole. Embora alguns indivíduos com este transtorno possam reconhecer que estão magros, eles tipicamente negam as sérias implicações de seu estado de desnutrição. A Anorexia Nervosa parece ter uma prevalência bem maior em sociedades industrializadas, nas quais existe

dispõem sobre o corpo, em caso de patologia psíquica, levam pessoas a sempre se observarem orientadas pelas imperfeições, mesmo que de minúcias, aparentemente locadas em seu corpo. A partir daí passam a operar atividades sobre seu próprio corpo (saberes sobre o corpo levam a fazeres sobre o corpo e no corpo).

Em si, estas já são condições de sociabilidade e sociação de si sobre si mesmo, mas em relação a contextos sociais mais amplos. Veja-se o que afirmam nossos entrevistados, lembrando sempre que suas afirmações são representações sociais e princípio ativo de saberes sobre o corpo. Poderíamos ainda afirmar que os padrões assumem o corpo, atuam e definem como e o que usar e como projetar o corpo. As liberdades individuais, por assim dizer, existem somente e tão-somente fora dos indivíduos. É isto que define sociabilidade.

Entrevistado 1: os tamanhos de roupas que as lojas têm já definem o que se espera do corpo. Você vai até a loja e tem aqueles tamanhos. Quando você não cabe, então você fica meio fora do padrão.

Entrevistado 2: Minhas amigas lidam com sofrimento usando certas roupas. Passam o tempo todo puxando as calças para cima ou usando camisetas largas ou escuras para esconder o corpo e as gorduras. Minha amiga falou pra mim ontem mesmo quando saímos juntas: “fiz um regiminho básico pra tentar entrar nesta calça que estou vestida e deu certo. (...) Gostaria de ter seu braço, pois acho o meu muito gordo”.

Entrevistado 4: Se não pratica nada, não se cuida, você quer pôr um biquíni, uma roupa e não consegue. Tenho amigas que quando começa a esquentar (proximidade de estações com temperaturas elevadas) é que começam a se preocupar. Aí, correm para a academia. Os centros de estética mesmo, durante o ano são todos vazios, chega perto do verão nem tem mais vagas.

Veja-se também que a cidade está caracterizada por instâncias referentes ao corpo e o número significativo de academias, centros de estética corporal e facial, salões de beleza,

abundância de alimentos e onde, especialmente no tocante às mulheres, ser atraente está ligado à magreza. Fatores culturais também podem influenciar as manifestações do transtorno. Já as características da Bulimia Nervosa consistem de compulsões periódicas e métodos compensatórios inadequados para evitar ganho de peso. Além disso, a auto-avaliação dos indivíduos com Bulimia Nervosa é excessivamente influenciada pela forma e peso do corpo. Outra característica é o uso recorrente de comportamentos compensatórios inadequados para prevenir o aumento de peso. Muitos indivíduos com Bulimia Nervosa empregam diversos métodos em suas tentativas de compensarem a compulsão periódica. A técnica compensatória mais comum é a indução de vômito após um episódio de compulsão periódica. Este método purgativo é empregado por 80 a 90% dos indivíduos com Bulimia Nervosa que se apresentam para tratamento em clínicas de transtornos alimentares. Os efeitos imediatos do vômito incluem alívio do desconforto físico e redução do medo de ganhar peso. A prevalência da Bulimia Nervosa entre mulheres adolescentes e adultas jovens é de aproximadamente 1-3%; a taxa de ocorrência deste transtorno em homens é de aproximadamente um décimo da que ocorre em mulheres.

etc.²⁴, mostra que no local há grande procura por serviços relacionados aos “cuidados com o corpo”.

Se o corpo não apresentar formas aparentemente inadequadas a condições sociais, mesmo que possa incorrer em precariedades de manutenção biológica (alguns fazeres sobre o corpo orientados pela necessidade de se adequar a critérios sociais podem levar a prejuízos de saúde), o grau de satisfação e auto-estima ainda assim é elevado. Corpo é destituído de boa avaliação quando demonstra gordura em dimensão estética. Em condição fisiológica, não há argumentos, declarações, manifestações, mesmo quando nossos entrevistados foram perguntados sobre suas prevenções médicas. O corpo, como fenômeno social, é praticamente dissociado de sua condição biológica. Nossos entrevistados não conseguiram afirmar ou referenciar seus corpos em contextos biológicos ou médicos, ou seja, esta distinção entre corpo biológico e corpo estético fica flagrada pela ausência manifestada pelos entrevistados.

Outro fator que nos permite afirmar esta separação está respaldado na não necessidade de presença de médicos na medida em que a procura ali é relativa à estética e não à saúde. Ademais, médico serve para tratar doenças, enquanto que a academia serve para “melhorar o corpo”. Como alguns nos afirmaram, significa, então, ganhar massa magra e perder massa gorda, e para isso é suficiente realizar exame físico. Este exame físico dispõe, como vimos, da seguinte fórmula: primeiro o objetivo específico do aluno (perder peso) e depois as condições e necessidades físicas para o roteiro de exercícios (o que fazer para perder peso).

Corpo é, essencialmente, instrumento e instrução social (corpo como recurso para as relações sociais e como conteúdo de relações sociais). Corpo saudável então implica no socialmente saudável. Quando de déficits fisiológicos ou sintoma de doenças, recorre-se a médicos. Trata-se, pois, de doença, quando de consulta médica!²⁵ Corpo social é algo de domínio público operado com práticas comuns e pouco sofisticadas (como a caminhada) e com instrumentos e instrutores especializados (em academias). Doenças devem ser tratadas por especialistas, como médicos, enfermeiros, etc. Desta última dimensão necessito apenas de confiança em sistemas abstratos (GIDDENS, 1991); da primeira, necessito manter uma luta

²⁴ Segundo dados da Secretaria Municipal de Saúde de Balneário Camboriú em dezembro de 2006 existiam regularizadas 92 clínicas de estética facial e/ou corporal, 22 academias e 400 salões de beleza (cabeleireiros/barbeiros) na cidade. Segundo a mesma secretaria estima-se que existam aproximadamente 100 estabelecimentos funcionando em clandestinidade.

²⁵ Eis um motivo para a re-denominação de estruturas de Estado sobre este aspecto: ao invés de Secretarias de Saúde, Secretarias de Cuidados e Tratamentos de Doenças. Como estamos tratando aqui, temos mais saberes sobre doenças e medicamentos do que sobre saúde e formas de prevenção. Claro, isto deve ser pesquisado e sistematizado em estudos.

constante em termos de garantir ou ajustar sociação (fazer arranjos) pelas referências de sociabilidade.

Nossos entrevistados demonstram estas separações entre doença e saúde por um lado, e estética e beleza por outro. Ou melhor, não discorrem sobre saúde, mas atuam sobre beleza e estética. Como afirmado por entrevistados, “trabalhar” o corpo é algo individual, conquista pessoal, distinção social. Tratar de doenças é algo para especialistas. Estética está mais presente do que saúde, mais primária do que déficits fisiológicos. Ou ainda, quando há possibilidades de destaques individuais, pode-se recorrer aos mais inusitados meios.

Entrevistado 2: Algumas pessoas ficaram indignadas quando ocorreu um concurso que premiava quem conseguisse melhor desempenho em termos proporcionais de perda de gordura (massa gorda) e ganho de massa magra (massa muscular). Fiquei sabendo que a ganhadora, um tempo antes da primeira verificação, comeu bastante, procurou engordar! Depois, durante o concurso perdeu a gordura e ganhou músculos! Ganhou o concurso, mas isso não vale!

Entrevistado 3: É que uma pessoa com o corpo bem trabalhado chama a atenção mesmo. Por outro lado, sem trabalhar o corpo se chama também a atenção, mas num aspecto negativo (sociabilidade). Isto eu vi pela minha experiência de vida, não que eu tenha presenciado (...). A questão da estética, especialmente para as mulheres, é algo mais forte. Ainda mais quando vão ganhando uma certa idade. Mas o importante é conciliar estética com saúde (socialmente saudável).

Entrevistado 5: Percebo que algumas pessoas que estão na academia, estão acima do peso. Mas acho que por elas por estarem aqui são saudáveis (socialmente saudáveis).

A sociabilidade e a sociação emergem conjugadas em vários momentos de nossas entrevistas. Contudo, um dos mais relevantes foi destacado por um entrevistado que, de forma direta e expressiva, denotou aspectos de corpo formado por campo de luta, necessidades de reconhecimentos sociais mediados pelo corpo, e condições de manutenção de relações sociais (íntimas, inclusive) segundo as lutas e esforços manifestados por um membro em uma relação social e suas expectativas. A necessidade de reconhecimento pelos esforços feitos em prol do corpo é constante e não obter esse reconhecimento é algo extremamente frustrante. Vamos às afirmações:

Entrevistado 2: Eu me esforço na academia, mudo meu cabelo, e meu marido, nada! Toda mulher gosta de ouvir um elogio, um “como você está bonita hoje!” Não só em casa.

Entrevistado 3: Não ser perfeito gera muitos problemas, dificuldades.

Entrevistado 7: (Na academia) Você sempre busca o melhor: melhor carro, a melhor casa, o melhor corpo!

Entrevistado 8: Muda o modo como os outros me olham e os comentários que fazem sobre mim.

Os esforços e as lutas constantes para se atingir as metas ideais estão diretamente ligados à sociabilidade, pois, a necessidade de reconhecimento dá-se não só no espaço social de convívio íntimo (em casa), mas também fora dele (na rua, no trabalho, na academia). Para um dos entrevistados há dois tipos de mulheres quando se fala em beleza e estética: a primeira diz respeito àquelas que conquistam melhoras (implantes, por exemplo), pois já atingiram nível satisfatório de formação do corpo em termos sociais. As outras são àquelas que precisam atingir nível satisfatório de corpo (perder peso ou diminuir volume de gordura) para depois realizarem conquistas adicionais. A referência de beleza, embora não tenhamos afirmações de referência como mulher ou pessoa, é a modelo Gisele Bündchen (nos dias de atuais, já que modelos mudam com frequência). Aproximar-se deste modelo de beleza é notado como conquista e algo a ser realizado por mulheres que tenham atingido determinado nível de beleza ou satisfação em relação à beleza. Apesar desta satisfação, sempre haverá algo a ser conquistado, mas sem *luta* realizada pelos esforços corporais como em academia (próteses de silicone nas mamas, nas nádegas, etc.). Em síntese, as lutas são para mulheres que ainda não dispõem desta satisfação e recorrem a *correções* (lipoaspiração de abdômen, de glúteos, etc.). Existem as mulheres que conquistam (com plásticas) e as que sofrem (por serem gordas ou magras demais). Assim, conforme um entrevistado existem mulheres que colocam próteses de silicone como uma conquista, e outras que precisam perder a gordura que possuem para diminuir seu sofrimento.

Entrevistado 2: A plástica é algo que toda mulher gostaria de fazer. Sempre tem alguma coisinha que se pode mudar para *ficar melhor* (referindo-se ao corpo).

Entrevistado 4: Tem pessoas que têm que chegar no limite (do peso) pra se dar conta que tá na hora de mudar. Não pode ser assim... tem que ser uma luta constante... quem não adere a essa luta é porque é feliz assim (gordo). Mudar é fácil; só a parte física é fácil, é só querer. Se pra pessoas ser de tal jeito (fora do padrão) incomoda: muda!!! Se não incomoda, fica assim mesmo!! Mas é fácil mudar.

Apesar de Gisele Bündchen constituir-se como a referência de beleza feminina, por exemplo, e como manifestado por nossos entrevistados, há também, a necessidade de não se confundir com esta referência. Se uma mulher aparece com as configurações muito próximas de uma referência, acaba por confundir-se com ela. Então se des-individualiza,

deixa de ser ela própria. Será identificada não mais como Maria e tudo que lhe pertence, mas como Gisele. Os expectadores dirão então: olha lá a Gisele! Perseguir a referência implica, em não se confundir com ela.

De modo especular, a televisão passa a definir as qualidades desejáveis de apresentação do corpo como referenciador de sociabilidade e sociação.²⁶ O modelo de corpo e as formas de uso de roupas são apresentados como adequados ou inadequados em programas de TV. Inclusive, a referência de modelos (masculinos e femininos) não constitui a idéia de pessoa ou de trajetória individual, mas a apresentação modelar de corpo. Como pessoas são anônimas, não têm histórias (a não ser quando se trata de uma ou um modelo-celebridade). Surgem para os telespectadores os corpos a serem seguidos como modelos e não as pessoas, perfeições corporais e não morais. Decorre que em primeiro plano de sociação, a sociabilidade dos corpos implica menos em “o que você é?” e mais em “como lhe vejo” em condições de aparência. É a aparência fator de refração ou de atração. Como afirmam nossos entrevistados:

Entrevistado 1: O que você vê na TV também define as coisas sobre o corpo.

Entrevistado 2: Queiramos ou não, hoje em dia vamos pela aparência.

Entrevistado 6: A TV obriga você a usar máscaras, pois não pode ser mais você. Você acaba sendo obrigado a ser aquilo que aparece lá (na TV), te obriga a ter e não a ser. E hoje em dia é assim que boa parte das pessoas pensa e age.

Entrevistado 7: Se você vê um cara com uma g. na praia você vai querer ser igual a ele para ter uma mulher como a dele, não vai? Então!

3.4 INDIVIDUALIZAÇÃO: CONQUISTAS E PROBLEMAS INDIVIDUAIS

Individualização implica em relações sociais e se distingue de individualidade. Na individualização as conquistas, esforços, superações, decepções, problemas de uma pessoa

²⁶ Por exemplo nas propagandas que destacam o consumo de bebidas alcoólicas (cerveja) a participação das mulheres é destacada pelo *design* corporal. Cerveja e mulheres se tornam objeto. A beleza, então, se torna um objeto, um conteúdo de sociabilidade e de sociação. Ao fim dessas divulgações televisivas ocorre por necessidade legal e por condição de publicidade a aparição ultra rápida de mensagens do tipo: “beba com moderação”.

não requerem o comprometimento de outras pessoas. Conviria ainda para deixar bem delimitado o conceito de individualização o que Bauman (2001) estabelece:

A ‘individualização’ consiste em transformar a ‘identidade’ humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’ e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das conseqüências (assim como os efeitos colaterais) de sua realização. Em outras palavras, consiste no estabelecimento de uma autonomia de *jure* (independentemente de a autonomia de *facto* também ter sido estabelecida). [...] A modernidade substitui a determinação heterônoma da posição social pela autodeterminação compulsiva e obrigatória. Isso vale para a ‘individualização’ por toda era moderna – para todos os períodos e todos os setores da sociedade (p. 40-41).

As conquistas corpóreas estão, como vimos, vinculadas à sociabilidade e organizadas na sociação. Beleza, estética, aceitação em grupos (trabalho, casa, público) são conotações expressas para cada um: como tal pessoa é bonita! As conquistas realizadas a partir de esforços pessoais são sempre individuais. Os déficits estéticos também são fenômenos pessoais, embora possam ser registrados para muitas pessoas. Porém, sempre para cada uma delas. Assim, corpo é um fenômeno que se manifesta em relações sociais mas que apresenta-se sempre individualizado. Estas afirmações ficam ilustradas nas formações discursivas de nossos entrevistados. (aumentar respostas sobre esse assunto)

Entrevistado 1: Tenho um amigo que é gordinho, gordo! *Ele* tinha problemas em praticar surfe. E este amigo *era metido* a fazer surfe mesmo gordo! É difícil ficar na prancha! E meus colegas diziam: “Pô “M” pra você não vai dar”. Também tinha piadas e comentários em virtude de ele ser gordinho! *Mas* era um cara legal! Na balada ele cumpria o papel de bobo da corte. Você viu aquele filme “Sociedade de Lobos”? Tem o alfa (inferior) e o ômega (superior). Ele cumpria o papel de alfa, de bobo da corte. Tinha que fazer piadinhas para se enturmar, tinha que animar a galera! Tinha que fazer isso para garantir a aceitação! Por tudo isso *ele* era meio depressivo, sofria por ser gordo! (destaques meus).

Entrevistado 7: (Fazendo referência ao corpo) Você sempre quer ser o melhor! (destaques meus)

Podemos observar que ser gordo, tal como expresso pelo entrevistado 1, é um problema individual, que deve ser resolvido (porque problema) individualmente. Como amigo (amigo?) não assumo ou me comprometo com a solução, mas destaco o problema. Sofrer por ser gordo, implica que o problema é pessoal, individual! Não se refere ao fato de que ser gordo é uma construção social, expressa um conjunto de regras socialmente construídas (como as expressões bobo da corte, alfa). Individualização implica em descomprometimento, e os efeitos, como depressão, são algo individual. Eis as regras que se referem à sociabilidade

em contexto de individualização. Como vimos sociabilidade – regras sobre corpo – são dinamizadas na sociação, e os papéis cumpridos pelo “M” são papéis que ele, em sua condição de gordo, deve cumprir, é o que lhe resta porque o corpo lhe retirou outras possibilidades relacionais.

Entrevistado 4: Eu faço academia porque gosto mesmo. E o meu objetivo é ficar numa forma física que *me agrada*. (...) Fazer exercício aumenta a auto-estima, funciona em tudo, na voz, na *aparência*, no *trabalho*, em casa, com o *maridão*. Eu acredito que existem mais pessoas perto do padrão (de corpo), no Brasil, do que fora (do padrão). Na verdade não tem segredo: é só querer que se chega lá! Ser persistente permite à *pessoa* atingir o que quiser. E se não pratica nada, não se cuida. As pessoas me perguntam como ficar em forma, como faço pra ficar assim? A resposta está na persistência. Acho que a pessoa é que tem que decidir. Me perguntam e eu falo: vai se cuidar!! Tem pessoas que têm que chegar no limite (do peso) pra se dar conta que ta na hora de mudar. Não pode ser assim... tem que ser uma luta constante... quem não adere a essa luta é porque é feliz assim (gordo). Mudar é fácil; só a parte física é fácil, é *só querer*. Se pra pessoas ser de tal jeito (fora do padrão) incomoda: muda!!! Se não incomoda, fica assim mesmo! Mas é fácil mudar... (destaques meus)

Entrevistado 6: Fazer exercício aumenta a auto-estima e diminui a ansiedade. Eu era reto e caído, agora (praticando exercício) minha auto-estima melhorou. Hoje eu não bebo e não fumo. Exercício faz bem pra tudo. Quem não faz exercício por prazer hoje, um dia vai ter que fazer por necessidade pois a qualidade de vida está no exercício físico.

Entrevistado 8: Quando você faz exercício só tem a ganhar. Fico mais animado, me deixa mais legal. Você perde gordura e ganha massa e esse tem que ser o objetivo. Você muda a forma dos outros te olharem e os comentários em relação a você (...) Se você estiver gordo tem que comer menos, mas não precisa parar de comer. Se tiver muito gordo tem que vir no mínimo três vezes por semana (na academia).

Ser gordo não é doença, é déficit social. Quando nas relações sociais se constitui as avaliações sobre o corpo, originadas de sociabilidade e sociação, é marcante a ausência de observação de patologias físicas. Nas entrevistas fica evidenciado que a constituição social do corpo não leva em conta problemas relativos à saúde. Existem fenômenos sociais capazes de alertar para o corpo doente, mas essa visão fica escondida por detrás da necessidade de mostrar-se sempre bem e saudável. Assim corpo social é um fenômeno de apropriação coletiva enquanto que patologias físicas requerem especialidades médicas.

Entrevistado 1: O M., que eu saiba, não tem nenhum problema de saúde, nenhuma doença! (...) E eu realizo exames aqui na academia. A pessoa é fisioterapeuta ou formada em educação física e ali eu faço exames a cada seis meses. O último foi em julho.

Entrevistado 5: Venho pra academia por saúde. Eu me preocupo em me cuidar pra ter uma boa velhice. Meu noivo não faz academia. Malandro que só! Eu já disse pra ele que não quero ter que cuidar de um velho cheio de doenças com dor aqui, dor ali!

Entrevistado 6: Eu quero *é saúde* aqui na academia. Vir aqui me traz felicidade. Não quero ter que, “Deus me livre”, ficar numa cama quando envelhecer. Eu já fiz tudo quanto é coisa. Tomei suplemento, fiz cirurgia de desvio de septo e plástica no nariz e sempre vejo pessoas tomando coisa pra aumentar músculo, remédio pra cavalo e GH (*growth hormone* - hormônio do crescimento).

Também, “ser gordo”, além de causar auto-sofrimento, é algo a ser percebido “naturalmente” nos outros ou pelos outros: são estes que informam que ele estava “gordo”. Um dos entrevistados nunca se auto-referiu como gordo, mas a partir de expressões como “quilos acima” ou exprimiu “seus problemas” a partir de saberes cuja origem é da medicina. O “M” é que é gordo. Também “M”, segundo o entrevistado, não teria problemas de saúde, mas tampouco se reportou as condições ou critérios de saúde como para si quando se refere a HDL²⁷, colesterol, entre outros.

Entrevistado 1: No ano passado, quando eu estava *10 quilos acima*, eu ia caminhar na praia e sentia minhas coxas se encostarem uma na outra. Chegava a me assar as coxas. Então eu disse: não tô legal, não dá mais para ficar assim! *Os outros também diziam: você engordou, hein!! Meus exames davam resultados ruins: colesterol, HDL, dava ruim!* (destaques meus).

Entrevistado 4: Tem pessoas que tem que chegar no limite (do peso) pra se dar conta que ta na hora de mudar. Não pode ser assim. Tem que ser uma luta constante... Quem não adere a essa luta é feliz assim (gordo).

Algumas vezes, a individualização aparece inscrita na procura de especialistas que não devem se envolver emocionalmente com os pacientes ou clientes. A necessidade de acompanhamento remete ainda a conquistas e esforços individuais, na dimensão de individualização. Como afirma um entrevistado:

Entrevistado 2: Não adianta fazer atividade física sem que haja um acompanhamento na alimentação (refere-se a nutricionista). Eu sempre gostei de me cuidar. Queiramos ou não, hoje em dia vamos pela aparência.

²⁷ Segundo a Sociedade Brasileira de Cardiologia, HDL (considerado o bom colesterol) significa *high density lipoprotein* (lipoproteína de alta densidade), esta fração do colesterol relaciona-se com o transporte ao colesterol dos vasos para ser metabolizado no fígado. Desta forma, quando este encontra-se baixo, é um fator de risco para doenças cardiovasculares. Exercícios são uma das formas de elevar o HDL.

Sobre ser gordo todos falam que está errado. Sobre pensar o corpo não se consegue fazer sozinho (destaques meus).

No conjunto de análises realizadas, um fator foi destacado pelos entrevistados: a forma como atuam sobre si mesmos, isto é, como, na construção de um saber sobre o corpo e suas múltiplas decorrências no conjunto das relações sociais, passam a atuar sobre este mesmo corpo. Saberes sobre o corpo implica em estabelecer fazeres sobre este mesmo corpo: revelam-se condições sociais de corpo por meio de sociabilidade e sociação. Isto fica expresso quando nossos entrevistados passam a discorrer sobre o que mudariam em seus corpos. As respostas se colocam num conjunto de idéias de que o corpo pode e deve ser alterado para fins de relações sociais. Mais uma vez, é este conjunto de relações sociais definido pela sociabilidade e manifestado na prática pela socialização que justifica e legitima as afirmações de nossos entrevistados. Vejamos:

Entrevistado 2: A plástica é algo que toda mulher gostaria de fazer. Sempre tem alguma coisinha que se pode mudar para ficar melhor (referindo-se ao corpo).

Entrevistado 4: Além disso existem as plásticas que ajudam a auto-estima. Eu sou assim: se precisa fazer, vai e faz. Hoje todo mundo faz!

Entrevistado 5: Minha amiga quer fazer lipo e prótese de silicone. (...) Eu vou fazer. Eu vou mudar. Eu quero fazer uma lipo. Minhas amigas se acham gordas e horrorosas, eu acho que elas têm um pouco de neura. Puxam a pele (fez movimento de puxar a pele lateral da cintura para exemplificar) e acham que é gordura.

Entrevistado 6: eu já fiz tudo quanto é coisa. Tomei suplemento, fiz cirurgia de desvio de septo e plástica no nariz e sempre vejo pessoas tomando coisa pra aumentar músculo, remédio pra cavalo e GH (*growth hormone* - hormônio do crescimento).

Ao mesmo tempo em que um entrevistado procura dissociar suas referências sobre o corpo do conjunto de avaliações sociais públicas, revela que tenta seguir padrões ou critérios de aceitação social. Apesar de dizer que não se importa com os comentários de outros, afirma a necessidade e inevitabilidade, não a possibilidade, de realizar cirurgia para “reformular” o corpo. A questão é: fazer cirurgia para se sentir melhor não é condizente com o que as relações sociais impõem sobre as práticas sociais e nas práticas sociais?

Outro aspecto muito interessante se refere a como nossos entrevistados apresentam o fato de realizar intervenções no corpo. Em todos os casos as referências são associadas aos efeitos estéticos: ficar mais bonito, melhorar o corpo ou parte específica do

corpo, resolver problemas ou aumentar a auto-estima, conquistar valores sociais por meio do corpo que não foi possível obter geneticamente.²⁸ Assim, o corpo destaca-se como evento social e suas conotações somente tendem a incluir situações médicas quando há erros nas atividades médicas e não nas referências ou saberes segundo os quais se atua sobre o corpo.²⁹

O corpo como fenômeno social é uma apropriação pública enquanto referencia e é referenciado pelas (TV, outros grupos, modelos) e nas relações sociais (naquelas em que o sujeito experiencia suas práticas). Quando se trata de dimensões de especialidades, especialistas devem ser procurados. Saber sobre fígado, rins, coração, ou qualquer outra parte do corpo não é algo que seja requerido no conjunto das relações sociais (a não ser entre profissionais da saúde). Por outro lado, corpo, como fenômeno social é e deve ser conquistado por cada membro que forma grupos sociais. Os saberes sobre como se deve comportar e apresentar o corpo nas relações sociais é uma inevitabilidade. Também, é uma inevitabilidade a procura de conquistas sociais através do corpo, pelo qual a academia dos corpos se torna templo ou ginásio específico para essas potenciais conquistas.

Ser gordo implica então em se saber socialmente as dimensões que esta condição carrega nas práticas sociais. Quanto à hiperlipo dimensão do corpo, esta deve ser tratada por especialistas e modelada enquanto doença. O socialmente gordo deve procurar, em condições de individualização, resolver seus próprios problemas e ativar suas próprias condições sociais na vida social: assumir papéis sociais que sua condição permite. Assim, todos podem e falam: como ele ou ela engordou!! Mas não podemos relacionar medicamentos para que possa diminuir seus problemas (a não ser de forma clandestina e relativamente secreta). Se souberem que tomo medicamentos para diminuir minha massa de gordura, passo a perder capitais sociais. Serei condenado como uma pessoa que não consegue superar seus próprios obstáculos por esforços próprios, individuais. A academia responde então pelas conquistas que sempre são individuais, esforços pessoais, conquistas seletivas.

Nossos entrevistados foram eficientes para responder sobre a dimensão social do corpo, mas praticamente não conseguiram acenar com argumentos ou exposições que, em primeiro lugar, observassem a formação e avaliação social do corpo como algo coletivo, senão individual e íntimo quando se referem, sobretudo, a auto-estima.

²⁸ Um interessante debate sobre as relações entre genética, condições sociais e rumos sociais pode ser visto no livro de Habermas intitulado: O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal? (2004).

²⁹ É fácil perceber que estas notícias ou reportagens que se referem a problemas relativos à atuação ou ação sobre o corpo destacam exclusivamente erros de procedimentos, mas não apresentam informações de quaisquer níveis sobre por que pessoas se motivam a realizar cirurgias plásticas como lipoaspiração e inserção de próteses de silicone para conquistas estéticas.

Em segundo lugar, por classificarem as pessoas e papéis sociais a serem desempenhados pelas condições corpóreas. Não porque não tenham capacidade de discursar sobre vários outros aspectos e temas, mas simplesmente pelo fato de, no contexto de individualização em que vivem, exporem aquilo que no fundo consideram mais relevante sobre a interface corpo *vs.* relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

[...] Ai você faz xixi, escova os dentes, corta as unhas, pra se livrar de mais alguns grammas e sobe na balança de novo. Nada! **O ponteiro já está rindo da sua cara** e não sai do lugar. Você resolve botar mais coisas pra fora. **Chora**, corta o cabelo, tira a sobrancelha, depila as pernas, arranca uma obturação. Nada! Dá vontade de **pular da janela, mas morrer gordo e pelado é o pior vexame!**

Melhor ficar vivo com uma **roupinha larga**. Você volta, se veste e sai do banheiro **se sentindo uma pizza de ontem** grudada na tampa, **um lixo, um nada**. Mas, dizem que enquanto há vida há ex-pelancas e para tudo há uma solução. É só você fazer reeducação alimentar.

Ah, bom! Era isso: falta de educação. Agora sim, vou dividir minhas horas do dia, fragmentar as refeições, ingerir mais proteínas do que carboidratos, trocar o açúcar por adoçante e tudo vai dar certo. Sim, porque no fim, você vai ao SPA, faz uma lipo, bota uma prótese. Se não der certo, você **grampeia o estômago, costura a boca e amplia o reto!** Você vai ver que fácil vai ser, você vai ficar magro, direto!

Agora, com licença que eu tenho que sair pra caminhar. Sabe, fazer exercícios queima calorias, emagrece, ou, pelo menos, **desengorda!**"

Autor desconhecido (destaques meus)

O conceito de individualização, tal como tratado por Bauman (2001), Elias (1994) e Giddens (2002), orienta o contexto em que o trabalho foi realizado. Le Breton (2006) e o conceito de corpo e Simmel (2006) e sua compreensão sobre a sociabilidade, sociação e socialização foram também peças fundamentais para uma análise da noção de corpo dos praticantes de academia e as relações sociais ocorridas em contexto de individualização. Bourdieu (2001) e Bonnewitz (2003) constituíram-se em referência integradora das diferentes contribuições dos os autores base do trabalho e possibilitaram a passagem e a integração de conceitos e abordagens dentro de uma visão sistêmica.

Entrevistamos *indivíduos* praticantes de atividades físicas em uma academia em Balneário Camboriú e obtivemos resultados cujas preocupações analíticas se concentram sobre o conjunto de saberes que orientam as pessoas a fazerem sobre seus corpos e em seus corpos um conjunto de práticas, ou seja, nos concentramos sobre orientações originárias em sociabilidade e sobre a procura de capitais simbólicos e de sociação como forma de participar e de constituir relações sociais. Aqui, as entrevistas são tratadas como fenômenos para a pesquisa, mas que referenciam (como saberes) para e nas condutas sociais. Interessante notar que a idéia de compreensão de fenômenos sociais associada a práticas de exercício em academia não parece, em princípio, levar a uma compreensão sobre a sociedade. Os

fenômenos contidos em contexto de individualização, no entanto, resultam em respostas interligadas com uma série de fatores que permitem ao pesquisador (agindo como tal) a debruçar-se sobre temas dos mais variados.

Os fenômenos sociais encontrados a partir da análise das entrevistas transformam uma série de acontecimentos cotidianos em importantes contribuições para se pensar a sociedade e o indivíduo na sociedade, isto é, pensar as relações sociais e como os indivíduos participam da reprodução e da transformação social em seus cotidianos sociais. Constatar que, existem sentimentos individuais capazes de marcar limites na vida social e, em consequência disso, determinar maneiras de viver em sociedade e como se constituem laços de amizade, é algo extremamente importante para elucidar fenômenos que, perante a sociedade, se encontram implícitos.

Assim, uma das primeiras condições da vida social como resultado de nossa pesquisa diz respeito ao caráter do saber como orientador do fazer. Nos casos de nossa investigação, o saber é orientador do fazer, mas não implica em compreender o saber. Como exercício reflexivo é pouco demandado ou realizado. Então surge a importância das reflexões pautadas nas ciências sociais. O saber, portanto, no conjunto das relações sociais capacitam para o fazer mas não para compreender o próprio saber. Elaboramos formações discursivas sobre o fazer a partir do saber. Por outro lado, ficamos “aprisionados” no saber e, logicamente, no fazer, enquanto não exploramos as condições do próprio saber e suas possibilidades históricas e sociais de existência.

Porque um amigo chamaria o outro de “bobo da corte” ou “alfa”? Como podem as pessoas com sobrepeso, pelo simples fato de estarem na academia, serem consideradas saudáveis? Como afirmar que as mudanças no corpo estão ligadas somente a vontade própria? Como pode uma calça determinar o tamanho que deve ser o corpo? Como uma celebridade pode definir o que é melhor para mim em termos de constituição corpórea? Se essas perguntas pudessem fazer parte das formações discursivas das pessoas, ou seja, se constituíssem em seus saberes como reflexão do próprio saber, certamente os fenômenos sociais não poderiam ser classificados como implícitos.

É por isso que, em nossa orientação metodológica as entrevistas ou o que as pessoas falam não podem ser consideradas como a análise ou conteúdo que corresponda à análise do fenômeno investigado nas ciências sociais, conforme exposto no terceiro capítulo. As entrevistas constituem-se como parte do fenômeno, ou como parte das possibilidades de existência do que aqui se estudou. Como as “falas” ou as “práticas discursivas” são parte do fenômeno que orientam as práticas ou o fazer do corpo enquanto elemento social, então, as

práticas discursivas conotam a referência ao fazer, uma espécie de saber-fazer que constitui o mundo social. De fato o mundo social não nos é transparente e deve ser concebido pelo cientista como um mundo estranho a ser investigado. Portanto, o mundo social e a vida social não podem ser explicados assumindo-se as concepções dos que aí vivem como as explicações e as formações do real. Tal explicação deve ser procurada e fundamentada em causas que escapam à consciência dos seus praticantes. Assim, rompemos com a ilusão de que o mundo social nos é transparente e assumimos o princípio da não-consciência. Mas o princípio da não-consciência não deve nos levar a determinismos metodológicos, ou seja, ao fato de que o método científico de uma disciplina possa ser constituído por si, tanto em termos reflexivos como experimentais: também os cientistas ocupam posições sociais (cf. BOURDIEU, 2004).

De fato, o mundo social é um objeto de conhecimento para aqueles que deles fazem parte [inclusive os cientistas], os quais, nele abraçados, o compreendem, e o produzem, ainda que o façam a partir do ponto de vista que eles ocupam nele. Portanto, não se pode excluir o *percipere* e o *percipi*, o conhecer e o ser conhecido, o reconhecer e o ser reconhecido, que constituem o princípio das lutas pelo reconhecimento do poder simbólico, ou seja, pela imposição dos princípios de divisão, de conhecimento e de reconhecimento. Mas tampouco se pode ignorar que, nas lutas propriamente políticas para modificar o mundo ao modificar as representações do mundo, os agentes assumem posições que, longe de serem intercambiáveis, como pretende o perspectivismo fenomenal, dependem sempre, na realidade, de sua posição no mundo social de que são o produto e o qual eles contribuem, no entanto, para produzir (BOURDIEU, 2001, p. 230).

Mas o fato de existir a necessidade de uma pesquisa para se refletir sobre essas condições sociais em contexto de individualização é parte da constituição da análise sociológica aqui empreendida e que reflete sobre discursos, atitudes e posições. Mesmo considerando que ocupo uma posição social que constitui minhas afirmações, assumo que estudos sobre como nos organizamos para atuar nas relações sociais são importantes para se compreender a sociedade. Sem dúvida, quando as hipóteses foram imaginadas, o autor que vos fala já possuía a expectativa de que todo empenho contido na construção desse trabalho, pudesse servir para *desvendar* mistérios de maneira *útil* a todos seus leitores, e mais que isso, lhes fosse útil na compreensão da sociedade.

Perceber que as relações sociais, mesmo as consideradas íntimas, possuem conotações que separariam racionalmente até os melhores amigos é no mínimo assustador. Nesse aspecto, o comprometimento com a busca de capitais simbólicos em favor próprio e, a exacerbada vontade de possuir mais, é decisiva para o aumento do grau de individualização (será mesmo que pode ser medido assim?) e também das lutas e da exclusão. Parece que o

crescimento da individualização traz consigo barreiras de compreensão e sensibilidade às pessoas, para os fenômenos sociais. O aumento dos desejos próprios faz com que rapidamente desapareça a idéia de bem comum, outrora contida, nas chamadas comunidades.

Neste trabalho, através dos resultados de pesquisa, constatamos que as relações sociais são muito mais mediadas por interesses/desinteresses do que pela construção de desejos comuns comunitários. Embora para constatar isso não seja necessário muito afincamento nas teorias sobre individualização, já que os jornais e as novelas, os programas e as revistas, já se encarreguem de apresentar tais pontos. Ao menos colocar os ensinamentos provindos daí não se mostra algo complicado para os indivíduos da era atual (inclusos eu e você leitor).

Há na verdade uma inversão significativa que substitui o sentimento de comunidade por algo que se busca e anseia de forma individual como caracterização das relações sociais em contexto de individualização. Será então que ainda prevalece algo da era da comunidade? Parece que o desejo comum, no contexto de individualização atual, é também algo que leve alguém a contribuir para que ocorra aproximação de interesses e ideais que devem ser atingidos de maneira unívoca em nome da distinção individual e não grupal. Como afirmam nossos entrevistados, fazer academia remete à primeira pessoa do singular: eu faço academia, eu vou fazer lipoaspiração, etc. Todos têm a noção de onde se deve chegar, mas nem todos dispõem de meios para tanto, e o alcance de metas facilmente transforma-se em objeto de inveja e disputa. A sensação, portanto, de que atingir o grau máximo do ideal buscado constantemente - visualizado através de modelos ideais - trará uma estabilidade momentânea (característica da individualização), que em seguida escapa na medida em que a necessidade da distinção torna-se fundamental para as relações sociais. Ora, se nos relacionamentos julga-se ser importante a distinção (manifestada através da admiração e do mostre-me como fazer isso! Ou “Como você consegue ter este corpo?”), como poderiam duas “distintas pessoas” conviver em harmonia? Surge aqui novamente a idéia de que buscar ser parecido com a celebridade é importante, mas não ser idêntico a ela é ainda mais, afinal ser confundido traria sensação de fracasso e igualdade, isto é, procurar atingir modelo de corpo implica também em não se confundir com a pessoa. Manter a distinção, inclusive em relação à própria referência, como Gisele Bündchen, consiste em também ser referência nas relações sociais, ser distinto. Uma das constatações da pesquisa é que as pessoas não abrem mão (muitas vezes inconscientemente) de sua individualização.

A possibilidade de compreender o fenômeno da individualização está implícita nas relações sociais diárias. O fato de algumas de nossas atitudes (sob o olhar dos cientistas) desconsiderarem os outros é a constatação maior que a individualização tem raízes profundas.

A individualização quando arraigada nos indivíduos tem uma enorme força de estar presente sem se fazer explicitamente manifesta. Por conseqüência, faz com que algumas pessoas ignorem fatos sociais e suas conseqüências, envolvidas em fenômenos como a velocidade da comunicação e a idéia que possuem de liberdade. Entregar as responsabilidades aos indivíduos e atribuir-lhes a noção de liberdade desordenada, muitas vezes, faz com que seus atos sejam construídos em padrões éticos e humanísticos referentes a contextos de individualização.

A aparente normalidade escondida por detrás das relações sociais proporciona fenômenos perigosos e muitas vezes irreversíveis. A busca pelo corpo modelo, tem apresentado conseqüências que interferem diretamente sobre a auto-valorização e o auto-reconhecimento para se atuar nas relações sociais. As afirmações que expusemos sobre auto-estima, sentir-se bem, considerar-se adequado para atuar em determinados grupos sociais e situações sociais por meio de determinadas roupas (preto para esconder, grande para não marcar o que se postula como visível aos outros ou que ser notado pelos outros, etc.), além de seqüelas físicas, mortes e patologias graves, expõe o corpo como fenômeno social elementar para e nas relações sociais. A plasticidade do corpo (o movimento que faz) e no corpo (a intervenções cirúrgicas que sofre) tornam-se capitais sociais fundamentais para se compreender as condições de possibilidades das existências das relações sociais, da idéia de indivíduo, sujeito ou agente social. Os riscos e as incertezas da modernidade líquida têm também uma enorme capacidade de se misturar aos fatos impossibilitando que as pessoas os identifiquem com facilidade. Com o crescimento das dúvidas, as possibilidades repousam na capacidade individual de armazenamento de capitais. A corrida incessante por ganhos de vantagens e destaques na sociedade faz com que prevaleçam maneiras próprias de aparentes e instantâneas resoluções dos problemas. O problema deve ser resolvido agora, em prazos curtos, como disse um entrevistado: “É só querer!” Ou ainda como a academia realiza atrações pelas condições temporais: “Resultados em 45 dias ou seu dinheiro de volta”.

A academia constitui-se como um campo disciplinar no qual “aluno” e “instrutor” se firmam por atividades que se inspiram, mas que, ao mesmo tempo, se diferenciam do que podemos associar aos padrões de estudante e professor de escolas. A academia como fonte daquilo que pode facilitar uma relação ou mesmo gerar destaque e possibilitar a abertura de portas seja em qualquer instância social. A primeira delas é que você se distingue praticando academia. Você, e não todos! A distinção é para cada um, e não para todos. Como mostra hoje a chamada (*slogan*) da academia onde foram realizadas as entrevistas: “Academia for you!”. Distinção, não para todos os que estão ou praticam academia: é para você!

A segunda distinção é relativa à condição de auto-realização e, portanto, de apresentação ao reconhecimento público. Corpo não se referencia na *polis*, mas nas relações sociais. “Eu perdi 22 quilos em 18 meses”, por exemplo. Isto implica em se colocar como merecedor de aplausos, pois é uma conquista ao social que deve ser notada e reconhecida (seu objetivo também é esse). O não reconhecimento causaria no “autor da façanha” inquietações e até problemas.

Não necessito conhecer meu próprio corpo por meio da classificação da medicina (embora ciência seja uma construção social e tenha alcançado reconhecimentos como sistema perito e por isso possa dispensar as pessoas: é a ciência, a pesquisa científica que comprova, não os cientistas; cientistas praticam ciência), mas conseguir resultados que geram reconhecimento social e possibilitam minha inserção em grupos sociais e determinadas relações sociais. Como apresento meu corpo ou meio jeito de ser possibilita ingresso ou rejeição em grupos sociais (empregos, grupo de amigos, esportes, inclusive muitas vezes decide se a pessoa sairá com amigos à noite ou não).

As pessoas que “praticam academia” organizam-se e realizam um conjunto de atividades que se inscrevem em seus corpos como identidades sociais e potencialidades de participação na vida social, dando-lhe e formando-lhe conteúdos. Formam e são formadas pelas relações sociais, inclusive na constituição social do corpo. Corpo saudável então implica no socialmente saudável. O corpo como fenômeno social é praticamente dissociado de sua condição biológica. Como vimos, sociabilidade - regras sobre corpo - são dinamizadas na socialização. Dessa forma, os papéis cumpridos pelo “M” são papéis que ele, em sua condição de gordo, deve cumprir. É o que lhe resta porque o corpo lhe retirou outras possibilidades relacionais. Ser gordo não é doença, é déficit social.

O corpo social constitui possibilidades de reconhecimento e abertura ou fechamento de *portas*. Através dos capitais simbólicos adquiridos pela constituição corpórea são decididos os caminhos que se vai percorrer, quem vai me acompanhar e como me comportar em determinados locais. Os grupos de amizade, os locais que frequento e como me visto passam a ser fenômenos sociais determinantes no convívio diário de milhares de pessoas. A busca pelo corpo ideal, por outro lado, esta também atrelada a certas condições. Na medida em que as condições corporais estão vinculadas ao contexto social (e constatamos isso) fica mais difícil formar-se corporalmente. As lutas, as batalhas, as brigas com o corpo permanecem enquanto não atingirmos níveis auto e sócio-satisfatórios. No entanto o primeiro parece só ocorrer quando o segundo se mostra concretizado. Mesmo as intervenções como cirurgias para retirada de gordura ou implante de silicone estão atreladas a padrões. Não

poderia um “gordo que não se cuida”, simplesmente se transformar em decorrência de uma plástica, pois não está preparado para tanto. As batalhas têm de se tornar uma constante e as vitórias não podem e nem são conseguidas com facilidade.

A saúde e o corpo estão fortemente desvinculados, nesse aspecto, pois o corpo só é tratado quando degenerado e ainda é algo próprio e não manifestado. Assim, concluímos que o culto ao corpo se sobrepõe ao cuidado da saúde e muitas vezes nem a levam em consideração. Valem os valores e critérios sociais do corpo. Não se deve falar dos problemas patológicos, pois eles não nos trazem benefícios sociais, pelo contrário, podem resultar em mais exclusão. Cuida-se do corpo para relações sociais, somos vistos pela aparência, e não importam os detalhes patológicos internos. Ao outro, não faz diferença se você tem algum problema interno, mas se você se mostra saudável com sorrisos e trejeitos, de quem está em forma física, segundo critérios não físicos, mas sociais. A questão é de relevância estética, e não de saúde, a cirurgia não está para tratamento de saúde, senão para composição de estética. Separa-se de novo médico do estético. E a construção social do corpo, em contexto de individualização, continua a mostrar nuances importantes, intrigantes, reveladoras - quase invisíveis em alguns momentos, mas, marcantes em outros - simples, complexas, diferentes, parecidas, impressionantes.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Alfredo Bosi. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1970.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu**. Tradução: Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. **Meditações Pascalianas**. Tradução: Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, Pierre; CHAMBOREDON, Jean-Claude; PASSERON, Jean-Claude. **Ofício de sociólogo**: metodologia da pesquisa na sociologia. Tradução: Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Luc J. D. **Respuestas**: por uma antropologia reflexiva. México, D. F.: Grijalbo, 1995.

CORCUFF, Philippe. Das estruturas sociais às interações. In.____. **As novas sociologias**: construções da realidade social. Bauru: EDUSC, 2001. p.33-86.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução: Vera Ribeiro. Revisão Técnica e Notas: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

_____. **Modernidade e Identidade**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

GIDDENS, Anthony; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

GOLDHILL, Simon. **Amor, Sexo & Tragédia: como gregos e romanos influenciam nossas vidas até hoje**. Tradução: Cláudio Bardella. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

HABERMAS, Jürgen. **O futuro da natureza humana: a caminho de uma eugenia liberal?**. Tradução: Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JANUÁRIO, Sérgio Saturnino. **Organização, Ação e Representação de Interesses do Empresariado do Setor Turístico em Florianópolis**. 1997. 158 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

JANUÁRIO, Sérgio Saturnino; RAMOS, Flávio. Impaciências da 'ordem' social? Ideologia, dominação e identidades sociais em Bauman e Bourdieu (breves interpretações). **Revista Eletrônica Direito e Política**, Itajaí, v.2, n.1, 1º quadrimestre de 2007. Disponível em: <www.univali.br/direitoepolitica>. Acesso em: 15 agosto 2007.

KOOGAN, Abrahão; HOUAISS, Antônio. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. Rio de Janeiro: Edições Delta, 1994.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Tradução: Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

MANFIO, João N. M. **Processo de individualização entre jovens universitários em Balneário Camboriú**. 2004. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Ciências Sociais) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2004.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia**. Tradução: Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

WAHAB, Salah-Eldin A. **Introdução à administração do turismo**. São Paulo: Pioneira Editora, 1977.

BIBLIOGRAFIA AUXILIAR

CASTRO, Maria da G. de; ANDRADE, Tânia M. R; MULLER, Marisa C. Conceito mente e corpo através da história. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 11, n. 1, p. 39-43, jan./abr. 2006.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**: Formação do Estado e Civilização. Tradução: Ruy Jungmann. Revisão, Apresentação e Notas: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

GOLDENBERG, Mirian. Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas. **Ciência & Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 91-96, 2005.

_____. Gênero e corpo na cultura brasileira. **Psicologia Clínica**. Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 65-80, 2005.

MCCALLUM, Cecília. Alteridade e sociabilidade kaxinauí: perspectivas de uma antropologia da vida diária. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998.

MONTAGNER, Miguel A. Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: algumas possibilidades teóricas. **Ciência & Saúde Coletiva**. Campinas, v. 11, n. 2, p. 515-526, 2006.

NOVAES, Adauto (org.). **O homem-máquina**: a ciência manipula o corpo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**. Tradução: Marcos Aarão Reis. 4. ed. Rio de Janeiro: Record. 2006.

SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. **Caderno Cedes**, Campinas, ano XIX, n. 48, ago. 1999.

SOARES, Carmen (org.). **Corpo e história**. Campinas: Autores Associados, 2001.

TEIXEIRA, Sérgio A. Produção e consumo social da beleza. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v. 7, n.16, p. 189-220, 2001.

REFERÊNCIAS INTERNET

Crônica sobre o regime. *In:* muitaprosa blogspot. Disponível em <<http://muitaprosa.blogspot.com/2007/06/regime-uma-crnica-bem-humorada.html>>. Acesso em 10 de agosto de 2007.

Dados sobre números de veículos. *In:* Departamento de Trânsito do Estado de Santa Catarina. Estatística. 2005. Disponível em: <<http://www.detran.sc.gov.br/estatistica/estatistica.htm>>. Acesso em: 15 agosto 2007.

Dados sobre população e geografia. *In:* Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Base de dados. 2005. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php>>. Acesso em: 15 agosto 2007.

HDL. *In:* Sociedade Brasileira de Cardiologia. Coração on-line. Disponível em: <<http://prevencao.cardiol.br/coracaoonline/Responline.asp?P1=41>>. Acesso em 20 de agosto de 2007.

PSIQWEB (Psiquiatria Geral). **DIAGNOSTIC AND STATISTICAL MANUAL OF MENTAL DISORDERS**. Disponível em: < <http://virtualpsy.locaweb.com.br/dsm.php>>. Acesso em 17 agosto 2007.